



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LITERATURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

BÁRBARA SILVA TELES DE MENEZES

BRASIL DE ANGÚSTIA E SAUDADE: O EXÍLIO NA NARRATIVA
AUTOBIOGRÁFICA DE MIGUEL TORGA

FORTALEZA

2019

BÁRBARA SILVA TELES DE MENEZES

BRASIL DE ANGÚSTIA E SAUDADE: O EXÍLIO NA NARRATIVA
AUTOBIOGRÁFICA DE MIGUEL TORGA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Literatura Comparada.

Orientador: Prof. Dr. José Leite de Oliveira Júnior.

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Sarah Diva da Silva Ipiranga.

FORTALEZA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- M51b Menezes, Bárbara Silva Teles de.
Brasil de angústia e saudade : o exílio na narrativa autobiográfica de Miguel Torga /
Bárbara Silva Teles de Menezes. – 2023.
87 f. : il.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades,
Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza, 2023.
Orientação: Prof. Dr. José Leite de Oliveira Júnior.
Coorientação: Prof. Dr. Sarah Diva da Silva Ipiranga.
1. Exílio. 2. Brasil. 3. Memórias. 4. Diário. 5. Miguel Torga. I. Título.

CDD 400

BÁRBARA SILVA TELES DE MENEZES

BRASIL DE ANGÚSTIA E SAUDADE: O EXÍLIO NA NARRATIVA
AUTOBIOGRÁFICA DE MIGUEL TORGA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Literatura Comparada.

Aprovada em: 26/08/2019

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Leite de Oliveira Júnior (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dr.^a Sarah Diva da Silva Ipiranga (Coorientadora)
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof. Dr. Francisco Wellington Rodrigues Lima
Universidade Federal do Ceará (UFC – Virtual)

Prof. Dr. Marcos Vinícius Medeiros da Silva
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN)

A minha mãe, meu primeiro lar.

AGRADECIMENTOS

A Deus, princípio e fim de tudo.

À CAPES, pelo apoio financeiro com a manutenção da bolsa de auxílio.

A minha família, João, Lira e Jú, pela certeza que sempre terei um cais seguro para atracar meus navios sonhadores.

Ao Lucas, luz dos meus dias, por compreender todos os momentos felizes e desafiadores dessa escrita e por ser mestre em pedagogia do amor.

Ao Prof. José Leite Júnior, pelo carinho, pela dedicação e compreensão oferecidos à orientação da nossa pesquisa.

À Prof.^a Sarah Diva Ipiranga, por aceitar afetosamente a coorientação deste estudo e por mostrar que a literatura estreita nossos laços fraternos de amizade.

À banca examinadora, por aceitar o convite para participar desse momento especial e por todas as leituras, sugestões e críticas ao nosso estudo.

À Tatielly Pinho, amiga-poesia, por trazer sempre um verso de apoio para minha vida.

À Aline Monteiro e Jamille Maranhão, minhas fofinhas, por dividirem uma amizade que também é um bálsamo.

À Elayne Castro e Sávio Alencar, por serem um aconchego no mestrado e na vida.

A todos os colegas que a pós-graduação trouxe para meus dias: Renato Barros, Henrique, Stefanie, dentre outros.

A todos os professores e funcionários do PPGLetras.

“o exílio diz todas as palavras do poema
ruas que fendem com o tempo
passos de vidro em brita quente
o exílio palavra sem pronúncia
prédio de labirintos e derramamentos.
corrimão de incertezas sob os dedos da
saudade”

(Lucas Guimaraens)

RESUMO

Atravessar o mar do exílio e desembarcar em um cais de angústia e saudade: esses são os movimentos essenciais da escrita memorialística de Miguel Torga (Trás-os-Montes, 1907 – Coimbra, 1995), quando rememora a experiência de vida que o manteve no Brasil por seis anos. Em *A Criação do Mundo: segundo dia* ([1937] 1969), Torga recupera os motivos da partida e da permanência na fazenda dos tios, em Minas Gerais. Já em *A Criação do Mundo: sexto dia* ([1981] 1996) e no *Diário VII* ([1956] 2010) narra a inquietação de uma viagem de retorno ao “cativeiro” da adolescência em idade madura, onde fervilham os sentimentos do adulto em face do reencontro com a pátria que lhe foi madrastra. Nesses percursos tumultuados, que se acomodam nas narrativas de suas memórias e nas notas dos dias em que reencontrou o Brasil, o escritor deixa transparecer as angústias e as saudades brasileiras, bem como mostra um *eu* poético distinto nos três relatos: ora envolvido pelo estranhamento, ora aberto ao sentimento. Diante dessas reflexões, nossa pesquisa teve como objetivo principal analisar a constituição do exílio brasileiro de Miguel Torga em suas narrativas memorialísticas, em especial *A Criação do Mundo: segundo e sexto dias* e *Diário VII*. Como objetivos específicos, buscamos investigar quais características pessoais, sociais e históricas que formam esse sujeito que viveu na condição de exilado, examinar os temas próprios do desenraizamento: a emigração e o entre-lugar do pertencimento e investigar a constituição de um espaço autobiográfico brasileiro dessas obras. Para o entendimento dessas análises, tomamos como aporte teórico as reflexões sobre o exílio propostas por Edward Said (2003, 2005) e Tzvetan Todorov (1999), bem como os pensamentos acerca dos gêneros autobiográficos de Georges Gusdorf (1948), Philippe Lejeune ([1975] 2014), Clara Rocha (1977), dentre outros pensadores. A partir do nosso estudo, concluímos que Miguel Torga, ao rememorar seu exílio brasileiro nas três narrativas, constrói um espaço autobiográfico singular, com reflexões sobre si e a constituição social imposta pela experiência brasileira.

Palavras-chave: exílio; Brasil; memórias; diário; Miguel Torga.

ABSTRACT

Crossing the exile sea and landing on a anguist and homesickness pier: these are essential movements of memorialist writing of Miguel Torga (Trás-os-Montes, 1907 – Coimbra, 1995), when he recollects the life experience that kept him in Brazil for six years. In *A Criação do Mundo: second day* ([1937] 1969), Torga retrieve the reasons of his departure and permanency at his uncles' farm, in Minas Gerais. Already in *A Criação do Mundo: six day* ([1981] 1996) and in *Diário VII* ([1956] 2010), well describes his restlessness of a way back trip to “captivity” of his adolescence in mature age, where the feelings of the adult boils in the reencounter with the homeland that accommodate him. In these turbulent journeys, that take place inside his memories narratives and notes from the days he rediscovers Brazil, the writer revels the anguish and the homesickness of the Brazilian exile, as well as shows a different poetic self in the three stories: one time involved by hostility, and another open to feelings. Facing these ideas, the main objective of our research is to analyze the construction of Brazilian exile of Miguel Torga in his memorialist narratives, especially *A Criação do Mundo: second and sixth days* and *Diário VII*. As specific objectives, we intend to investigate which personal, social and historical characteristics that shape this person that lived as an exiled, verify the subjects from the uprooting: the emigration and the between-place of the belonging and investigate the constitution of a Brazilian autobiographical space of these works. In order to understand these analyzes, we will take as theoretical contribution the ideas about exile proposed by Edward Said (2003, 2005) e Tzvetan Todorov (1999), as well as the thoughts around the authobiographical genres of Georges Gusdorf (1948), Philippe Lejeune ([1975] 2014), Clara Rocha (1997), among other thinkers. From our study, we conclude that Miguel Torga, by remembering his Brazilian exile in the three narratives, builds a unique autobiographical space, with reflections about himself and the social constitution imposed by the brazilian experience.

Key-words: exile; Brazil; memories; diary; Miguel Torga.

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
2	VIVER É CRIAR UM MUNDO A SUA MEDIDA: VIDA E LITERATURA DE MIGUEL TORGA	18
2.1	Tempos de <i>Orpheu rebelde</i>	23
2.2	O Brasil como página literária.....	29
3	AS PÁGINAS LITERÁRIAS DO DESTERRO: NOTAS TEÓRICAS SOBRE EXÍLIO E LITERATURA AUTOBIOGRÁFICA	36
3.1	Viver entre dois mundos: o homem desenraizado	39
3.2	Os caminhos literários do desterro	42
3.2.1	<i>Tempo de viver, tempo de narrar: os relatos autobiográficos do exílio</i>	44
3.2.2	<i>O espaço autobiográfico do exílio de Miguel Torga</i>	51
4	O EXÍLIO NAS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE MIGUEL TORGA	55
4.1	Cais de angústia: o desterro brasileiro.....	57
4.2	Cais de saudade: o retorno ao Brasil.....	68
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
	REFERÊNCIAS	79
	ANEXO A – PASSAPORTE DE MIGUEL TORGA	82
	ANEXO B – CORREIO DA MANHÃ (RJ).....	83
	ANEXO C – DIÁRIO DE NOTÍCIAS (RJ)	84
	ANEXO D – CORREIO PAULISTANO (SP).....	85
	ANEXO E – CORREIO DA MANHÃ (RJ).....	86

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Por muito tempo, Portugal foi dono da imagem de um povo que atravessava o Atlântico seguindo rotas de expansão, conquistas e colonizações. Os navegantes deixavam para trás, no cais, a pátria e a família, que ficavam a espera por seus heróis “donos do mundo”. Para os portugueses e outros povos europeus, traçar esses caminhos, por vezes, perigosos, mas também gloriosos, era o melhor percurso para, enfim, alcançar o monopólio mundial. Essas partidas significavam uma primeira migração, não para buscar algo melhor do que ficou, mas sim para alastrar as tradições, conquistar novos territórios. Assim, ficou construída a imagem do “português-colonizador”, que serviu por muitos séculos como referência épica e moral para esse povo.

Passados quinhentos anos de conquistas, entre elas a de terras brasileiras em 1500; no início do século XIX, com a vinda da família real para o Brasil, as relações entre metrópole e colônia se estreitaram. Nesse período, houve, principalmente, a abertura dos portos brasileiros para o comércio, valorização econômica, social e cultural das terras que abrigavam a corte portuguesa. Por essas ocasiões, também ficaram abertas as portas para aqueles que quisessem fugir de uma Europa instável e emigrar para o Brasil, e daí foi se constituindo a imagem do “português-emigrante”, com reflexos opostos daquela primeira, formada pela identidade do conquistador. Em princípio, essa era aceitável, pois caracterizava aquele sujeito que alcançava riquezas em cidades brasileiras, através da descoberta e garimpo de ouro, implantação e produção de café e açúcar, e instalação de comércios nos centros urbanos. Quando retornavam a Portugal, com alto poder aquisitivo, eram conhecidos como *portugueses de torna-viagem*.

Porém, no fim desse mesmo século, com a independência do Brasil e a ideologia republicana cada vez mais evidente em Portugal, os emigrantes lusitanos que atravessavam o Atlântico, imaginando desembarcar em um território que consideravam, antecipadamente, propício para adquirir riquezas, se viram diante da mais dura e inaceitável imagem da emigração, a da subalternidade. Para esses, era incompreensível deixar de lado a identidade do conquistador para vestir a pele do emigrante submisso. Eduardo Lourenço, crítico literário que reuniu diversos estudos sobre a relação Brasil-Portugal, recorda que

Pobres saímos de casa para ser ou tentarmos ser senhores: em Goa ou Macau, onde era fácil, para muitos, o acesso à asiática riqueza; no Brasil, onde era necessário inventá-la, lavrando com escravo e caçando índio. [...]. Pobres, saímos agora de casa para servir povos mais ricos e organizados que nós (LOURENÇO, 2009, pp. 123-124).

O Brasil era agora a recepção de muitos portugueses que transitavam entre a mixórdia da emigração e das feridas do exílio obrigatório, da saudade da pátria e da família, e da esperança pelo regresso. Esses saíam do seu país para trabalharem, principalmente, nas fazendas dos familiares e nos seringais da borracha; e, dessa vez, “a cor da pele protege-o e humilha-o, no novo papel do homem branco que tem de carregar sobre os próprios ombros o fardo do antigo colonizador” (LOURENÇO, 2004, p. 49).

De tão marcadas pelo contexto histórico e social da época, as singularidades desses emigrantes lusitanos assumiram um protagonismo nas páginas literárias. As experiências e as dores do exílio ganharam traços de uma Literatura própria do desenraizamento, na qual é produzida a identidade mais profunda de um sujeito estremeado pela fratura geográfica e sentimental. Diversos textos e autores demarcaram esse território das letras com produções autobiográficas e/ou ficcionais acerca do desterro.

No século XIX, por exemplo, temos Francisco Gomes de Amorim (1827 – 1891), poeta português que emigrou para o Brasil aos dez anos e permaneceu até os dezenove trabalhando como caixeiro em Belém-Pa. Com uma literatura mais próxima do romance histórico e etnográfico, Amorim toca na relação Brasil-Portugal, ainda marcada pela imagem do colonizador, bem como nos resquícios do movimento da Cabanagem. Em *Os Selvagens* (1875), seu livro mais célebre, o autor reconta a história da catequização dos índios da tribo Mundurucu, da Amazônia. Por outro lado, no prefácio de seu primeiro livro de poesia, *Cantos Matutinos* (1858), o poeta recorda, por meio de um relato autobiográfico, a chegada e os anos no Brasil.

Seguindo o mesmo contexto, mas com uma proposta mais jornalística, o periódico literário *A Saudade*, com publicações entre 1862 e 1864, reuniu diversos textos de emigrantes portugueses, que traduziam, a partir do título, os sentimentos que os sustentavam no exílio. Organizado por comerciantes que fizeram morada no Rio de Janeiro – mas com colaboração de brasileiros, entre eles Machado de Assis –, eles relatavam o desterro carioca por meio de poemas, crônicas e contos nostálgicos. No texto de 15 de abril de 1864, advertem que

Se a saudade sentimento póde ser fanal de esperança que acompanhe o triste longe dos seus, seja a *Saudade* jornal o marco miliário da nossa peregrinação, e venham todos depôr nelle os tributos que devemos a Deus, e á Pátria (A SAUDADE, 1864, p. 2).¹

As propostas das produções literárias desse período já davam indícios para as que viriam no século XX. A intenção de escrever sobre e com saudade pareceu perdurar em relatos pessoais e ficcionais, com uma crítica social acurada. O Brasil, mais uma vez, era porta de entrada da emigração portuguesa², como também o cenário das narrativas do exílio de alguns escritores, como Ferreira de Castro e Miguel Torga.

Embora tenham vivenciado experiências parecidas, para cada um, as terras brasileiras tiveram um tom e um cenário distinto. Ferreira de Castro (1898 – 1974), por exemplo, viveu por quatro anos, ainda na infância, no Seringal Paraíso, na Amazônia, onde viu e sentiu a dor e a solidão dos soldados da borracha. Mesmo após sair da selva, o lusitano carregou por muitos anos as lembranças difíceis dos dias vividos no exílio.

Entre o fato e a ficção, o desterro ganha voz nos livros *Emigrantes* (1928) e *A Selva* (1930). Na primeira narrativa temos um romance que traça os dramas dos portugueses que emigraram para o Brasil, motivados pelos que já moravam aqui, para “tentar fazer fortuna”. Castro narra com riqueza de detalhes o amplo cenário natural e social de Portugal, Rio de Janeiro e São Paulo, esses dois últimos quando o personagem Manuel de Bouça emigra. Nessa obra, duas características próprias do exílio chamam atenção: o conflito cultural que o personagem vive e a saudade da terra natal. Por outro lado, *A Selva* relata os dramas do português Alberto, jovem monarquista que foi mandado para trabalhar no seringal Paraíso, na região Amazônica. A narrativa é um espelho da experiência vivida pelo escritor no desterro, e é o próprio autor que nos afirma o caráter romanesco, pessoal e memorialístico, quando ele diz, no póstico, que “[...] a ficção se tece sobre um fundo vivido dramaticamente por mim” (CASTRO, 1955, p. 53). Para as duas obras, o neorrealista adverte que

Num [*Emigrantes*], a paisagem ridente do Sul do Brasil; noutra [*A Selva*], a paisagem majestosa do Norte. Em “*Emigrantes*”, o exílio pelo estômago; neste, o desterro pelo espírito. E nos dois, a uni-los indissolúvelmente, a

¹ Para manter a autenticidade do texto, preservamos, na citação, sua escrita original.

² Outros autores portugueses viveram a experiência do exílio no Brasil, mas no contexto da ditadura salazarista, são eles: José Régio, José Cardoso Pires e José Rodrigues Miguéis.

luta pela vida, a conquista do pão, a miragem do ouro – um ouro negro que é miséria, sofrimento e quimera com que os pobres se enganam (CASTRO, 1954, s/p).

Em armadilhas parecidas do exílio, esteve também o menino Adolfo Correia da Rocha, prioritariamente conhecido por seu pseudônimo Miguel Torga, quando desembarcou nos trópicos. Longe do seu ninho familiar em Trás-os-Montes, Portugal, o pequeno lusitano chegou ao Brasil pela Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro. Da então capital da República, seguiu para o interior de Minas Gerais, para a Fazenda Santa Cruz, propriedade dos tios paternos, onde viveu os anos de agruras da adolescência, em meio a um servilismo aos tios. Essas e outras experiências de sua primeira estada no Brasil estão reunidas no segundo dia de *A Criação do Mundo*, publicado em 1937 e reeditado em 1969, que é um dos seis livros que reúnem as memórias do escritor português. Sua primeira narrativa sobre o Brasil é singular pelo o olhar do menino exilado, longe da terra natal e diante de uma fratura incurável da vida.

Partindo para mais adiante na vida torguiana, em 1954, o português é convidado para voltar ao Brasil, agora como um escritor de renome, para participar do Congresso Internacional de Escritores, em São Paulo. Ao se ver novamente na terra que, por diversas vezes, foi também madrastra, e onde seu desterro esteve cravado, o português se encontra em um verdadeiro labirinto da saudade. Com os sentimentos instáveis diante de todos os reencontros que esse retorno proporcionou, Miguel Torga toma notas dos dias em seu *Diário VII*, publicado em 1956. Por outro lado, essa mesma viagem é recontada no sexto dia de *A Criação do Mundo* (1981), com menos apego ao lado sentimental.

As duas narrativas de memórias e o diário torguiano se destacam, para nós, em meio a sua vasta produção autobiográfica, visto que elas aproximam duas fases da vida do escritor – infância e velhice –, como também recontam, com suas singularidades, os dramas de um emigrante português em terras brasileiras e nos deixam diante de uma das facetas mais sentimentais desse memorialista. Torga, quando fala dessas experiências, diz que

[...] meu depoimento é todo nesse sentido macerador, na direção desse campo-santo de mortificações, ânsias, perplexidades, seduções, espantos, medos e amor – cemitério enluarado pelo fogo-fátuo sentimento que ainda ardem. Entrecruzam-se na confusa meada interior não apenas a dor sangrenta do arranchamento do berço e o trambulhão absurdo na dureza dum cais inesperado, mas também o pavor e o assombro (TORGA, 1955, p. 110).

Assim, por ter sido tão marcante sua experiência no Brasil, Torga, que fez de sua vida uma narrativa, projetou para sua literatura vivências, histórias e sentimentos que caracterizam o sujeito desenraizado. Em contos, poesias, romances, memórias e diários torguianos ficamos diante de relatos, pessoais e ficcionais, que traduzem a crítica social e o humanismo próprio do autor mais expressivo da geração presencista portuguesa. Embora o cenário brasileiro tenha sido de grande importância para sua formação, ainda encontramos poucos estudos sobre sua obra que reflitam acerca dos temas de seu exílio.

Nessa fortuna crítica, uma das pesquisas que nos chamou atenção foi a desenvolvida pela estudiosa Dora Maria Gago, que pontua, apenas no fim do seu estudo e em poucas páginas, a experiência do exílio brasileiro do autor português a partir das leituras de seus relatos de si. De acordo com a pesquisadora, o Brasil assume uma posição importante para Torga, pois foi a partir dele que ele pôde construir sua primeira imagem de estrangeiro e de viajante, e que, mais adiante, se tornou um espaço tão sagrado como o de sua origem

O Brasil reverte-se para Torga de importância determinante, sendo a sua imagem configurada, essencialmente, a partir de duas experiências de contacto directo com este país: em primeiro lugar, a da emigração (com duração de cinco anos, coincidente com a adolescência do autor); em seguida, o regresso, com o objetivo de participar num Congresso de Escritores em S. Paulo, trinta anos após o primeiro contacto (GAGO, 2008, p. 219, grifos nossos).

Em uma reflexão que vai desde a narrativa dos primeiros dias d'*A Criação do Mundo* até seu *Diário VII*, passando pelo sexto dia das memórias de Torga, a pesquisadora recorda o percurso do escritor português frente as imagens estrangeiras brasileiras narradas por ele. Em todas elas há uma capitalização distinta desse relato de estrangeiro, por exemplo, quando há uma “desintegração telúrica da unidade do eu” (GAGO, 2008, p. 223), que se encontra dividido entre a pátria natal e a adotiva. É justamente por isso, para acompanhar toda essa formação no olhar e no relato sobre o Brasil, que Gago (2008, p. 223) reflete sobre a importância de confrontar essas narrativas.

*É pertinente confrontar as anotações diarísticas com o texto de *A criação do mundo*, uma vez que, geralmente, a narrativa autobiográfica aprofunda e desenvolve os factos narrados, permitindo uma mais intensa exposição dos sentimentos e sensações do 'eu'.*

Diante disso, vimos a necessidade de resgatar os relatos autobiográficos de Miguel Torga sobre sua experiência no Brasil, a fim de contribuir para uma reflexão não só da literatura torquiana, mas também de como os contextos pessoais, sociais e históricos, que envolvem o sujeito exilado, refletem em uma produção literária memorialista. Esses questionamentos surgiram a partir de leituras e estudos desenvolvidos ainda na graduação do curso de Letras, por meio de iniciação científica, no projeto³ *A selva do texto: relatos de exílio*, que tinha como objetivo analisar as narrativas autobiográficas das experiências brasileiras de Ferreira de Castro e Miguel Torga.

Agora, nosso estudo parte da possibilidade de contribuir para a fortuna crítica de Torga, no que diz respeito à influência brasileira em sua formação poética e pessoal, bem como para as investigações sobre as Literaturas do Exílio, em especial as produzidas no trânsito Brasil-Portugal. Por isso, buscamos como objetivo principal analisar a constituição do exílio brasileiro de Miguel Torga em suas narrativas memorialísticas, em especial *A Criação do Mundo: os dois primeiros dias* (1969) e o sexto dia ([1981] 1996) e *Diário VII* ([1956] 2010). Já como objetivos específicos, buscamos investigar quais características pessoais, sociais e históricas que formam esse sujeito que viveu na condição de exilado, examinar os temas próprios do desenraizamento: a emigração e o entre-lugar do pertencimento e investigar a constituição de um espaço autobiográfico brasileiro dessas obras.

Entendemos por “entre-lugar” a posição instável que um sujeito exilado se encontra, ou seja, a impossibilidade de estar fixo em um lugar e se sentir parte totalmente de uma cultura. Essa ideia parte do estudo de *Uma literatura nos trópicos* (1937), de Silviano Santiago. Porém, em nossa pesquisa, dedicamos nosso olhar, justamente, pela dupla vinculação que esse mesmo termo nos permite pensar. Seguindo a mesma ideia, quando pensamos em desenraizamento, somos remetidos à ideia de “enraizamento” apontada por Simone Weil, quando diz que

O enraizamento é talvez a necessidade mais importante e desconhecida da alma humana. Este é um dos mais difíceis de definir. Um ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma comunidade que certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. Participação natural, isto é, trazido automaticamente pelo lugar, o nascimento, a profissão, o entorno. Todo ser humano precisa ter múltiplas raízes. Ele precisa receber quase toda a sua vida moral, intelectual e

³ O projeto, sob orientação da Prof.^a Sarah Diva Ipiranga, foi desenvolvido entre anos de 2015 e 2016, na Universidade Estadual do Ceará, e rendeu alguns trabalhos sobre os dois memorialistas, um trabalho de conclusão de curso e o projeto de mestrado.

espiritual, através dos meios de que ele é uma parte natural" (WEIL, 1949, p. 36, tradução nossa)⁴.

O desenraizamento, termo que será muito utilizado ao longo deste estudo, é formado a partir de características antônimas a estas. Mesmo partindo de pensamentos divergentes ao que pretendemos desenvolver, é importante apresentar ao nosso leitor, mesmo que em poucas linhas, a raiz da ideia.

Visto estas primeiras reflexões, dividimos nosso estudo em cinco capítulos. O primeiro, este de apresentação, são as *Considerações iniciais* do trabalho. Em seguida, no capítulo dois, *Viver é criar um mundo a sua medida: vida e literatura de Miguel Torga*, apresentaremos, em um primeiro momento, um percurso sobre a vida do autor português; em seguida, nos dedicaremos a entender como o Brasil aparece como tema literário nas obras torquianas. Para auxiliar o caminho de nossa pesquisa, buscamos estudiosos que dedicaram um olhar biográfico dos passos do escritor, como também produziram estudos sobre suas obras autobiográficas e ficcionais.

Já no terceiro capítulo, *As páginas literárias do desterro: notas teóricas sobre exílio e literatura autobiográfica*, abordaremos, em princípio, quais as características que constituem o exílio e o sujeito desenraizado. Para isso, utilizaremos os pensamentos de Edward Said (2003, 2005) e Tzvetan Todorov (1999). Em seguida, a partir dos pensamentos de Álvaro Manuel Machado e Daniel-Henri Pageaux (2001), associaremos, com base na Literatura Comparada, o exílio como tema para narrativas, em especial, memorialistas. Por fim, apresentaremos as características que constituem os gêneros textuais intimistas e as particularidades de um espaço autobiográfico, a partir de reflexões propostas por Georges Gusdorf (1948), Phillipe Lejeune ([1975] 2014), Clara Rocha (1977), dentre outros pesquisadores. Essas reflexões nos ajudarão a associar na análise dos textos de Miguel Torga sobre o Brasil.

O quarto capítulo, *O exílio nas narrativas autobiográficas de Miguel Torga*, apresentará a análise dos textos memorialistas torquianos, *A Criação do Mundo: os dois primeiros dias*, *Diário VII* e *A Criação do Mundo: sexto dia*, a partir das reflexões

⁴ L'enracinement est peut-être le besoin le plus important et le plus méconnu de l'âme humaine. C'est un des plus difficiles à définir. Un être humain a une racine par sa participation réelle, active et naturelle à l'existence d'une collectivité qui conserve vivants certains trésors du passé et certains pressentiments d'avenir. Participation naturelle, c'est-à-dire amenée automatiquement par le lieu, la naissance, la profession, l'entourage. Chaque être humain a besoin d'avoir de multiples racines. Il a besoin de recevoir la presque totalité de sa vie morale, intellectuelle, spirituelle, par l'intermédiaire des milieux dont il fait naturellement partie (WEIL, 1949, p. 36).

feitas no capítulo anterior. Na primeira parte deste capítulo, revisitaremos a primeira narrativa de memórias de Torga, a fim de investigar quais as imagens particulares do exílio apresentadas pelo escritor. Já no segundo tópico, dedicaremos reflexões sobre as notas diarísticas e o segundo livro de memórias do autor português, com o propósito de fazer uma comparação com o relato anterior. Neste momento da pesquisa, pontuamos alguns conceitos da Geografia Humanística, proposta por Yi-Fu Tuan (1983), que nos auxiliaram a relacionar espaço e intimidade, dois temas caros as reflexões sobre exílio e literatura autobiográfica.

Por fim, o quinto capítulo, *Considerações finais*, condensará uma síntese final de nossa pesquisa, como também as propostas de investigações futuras. Antecipamos que nosso estudo alcançou pontos positivos ao final das investigações, pois identificamos que Miguel Torga, a partir dos relatos nos textos de memórias e no diário, constrói um espaço autobiográfico singular sobre o Brasil, onde congrega suas experiências de adolescente e as lembranças que perduraram ainda na fase adulta.

2 VIVER É CRIAR UM MUNDO A SUA MEDIDA: VIDA E LITERATURA DE MIGUEL TORGA

“O meu verdadeiro rosto, presente ou futuro, está
nos livros que escrevi”
(Miguel Torga)

Miguel Torga deixa vários indícios de sua passagem pelo Brasil em suas obras, sejam elas autobiográficas (memórias e diários), ficcionais (contos e romances) e/ou ensaísticas. Em algumas, ele apresenta a (trans)formação de um sujeito mais crítico e ligado às questões de identidade, em outras uma posição literária de quem projeta suas vivências pessoais em dramas sociais; e em todas elas a imagem de um Brasil responsável por recebê-lo como migrante, abrigá-lo como exilado, formar os primeiros anos de sua adolescência e abrir seu mundo para a cultura. Nessas páginas, há sempre motivos para recordar, aproximar, distanciar e avaliar as geografias físicas e humanas.

Em *A Criação do Mundo*: o segundo dia encontramos com o eu menino de Torga, que reconta sua experiência de emigração e exílio em terras brasileiras. A escrita urgente, angustiada e, por alguns momentos, deslumbrada vai cartografando simbolicamente, entre o fato e a imaginação, os momentos no país. Naquela época, entre as disputas políticas, tudo piorava “hora a hora” e “o governo dificultava cada vez mais a emigração”, mas a única saída para fugir da pobreza familiar seria mesmo cruzar o Atlântico.

O rompimento com o ninho parecia um monstro que rondava havia tempos o seio familiar de Torga, pois seu irmão, José Correia da Rocha⁵, ainda muito novo, também emigrara para o Brasil. Mesmo sabendo da dura experiência vivida pelo irmão, o montanhês seguiu viagem, com passaporte⁶ em mão, numa madrugada de outubro de 1920. Seus dias brasileiros começaram em uma “segunda-feira, cheia de sol” (TORGA, 1969, p. 114), quando desembarcou no porto da Baía de Guanabara, Rio de Janeiro. Lá, encontrou o tio paterno, até então “desconhecido”, que o esperava com uma foto na mão, e seguiram para a fazenda Santa Cruz, próxima ao município de Leopoldina, interior de Minas Gerais.

5 Até então, não encontramos informações sobre a passagem do irmão de Miguel Torga pelo Brasil. Algumas biografias nem anunciam esse fato. Somente Clara Rocha (2000, p. 35), ao recordar o vínculo familiar, diz que “Do clã fazem ainda parte os irmãos José e Maria. José emigrou para o Brasil e lá ficou”.

6 Cf.: Anexo A.

Na propriedade dos tios, encontra o restante da família – tia, primos –, além de funcionários (entre esses últimos, descendentes de escravos). O tio, sempre de cara fechada, fazia questão de lembrá-lo de que estava lá para trabalhar e se fazer homem. Em raros momentos colocou-se em defesa do sobrinho. Já sua tia pressentia nele um inimigo, uma ameaça à herança da família, e sempre fazia questão de humilhá-lo.

Mais tarde, a família vendeu a fazenda Santa Cruz e mudou-se para outra, a Morro Velho, onde Torga passou a maior parte de sua estada no Brasil. Esta lhe reservava muitos trabalhos: entrega de correspondências, cuidados dos bichos, preparação da terra para o plantio; e, por essas razões, era sempre o primeiro a acordar e o último a ir dormir. Isabel Leão refaz essa lembrança em uma breve biografia de Miguel Torga, quando diz que

Este, que ganhou a vida com grande tenacidade e não menor abnegação, também não poupa a sacrifícios e, desde capinar café até laçar cobras venenosas ou fazer a escrita da fazenda, tudo decorre a seu cargo (LEÃO, 2007, p. 4).

Embora o Brasil tenha reservado dias intranquilos, a natureza do país era um encantamento e um descanso para o pequeno lusitano. Vindo de uma região portuguesa montanhosa, o seu reino maravilhoso⁷, o transmontano parecia encontrar no verde e nos montes das Gerais uma pequena parcela de alento da distância de sua terra natal: “fora dessas horas infelizes considerava aquele Brasil um deslumbramento. [...] E aquele pedaço de Minas parecia um recanto do paraíso” (TORGA, 1969, pp. 136-137).

Passados cinco anos de sua estada na fazenda, a “alforria” desses dias chegou pela voz do tio, quando este decide matricular o garoto no Ginásio de Ribeirão. Parecia que a partir dali outro Brasil seria descoberto por ele. Um lugar possível de reaver seus estudos que não puderam ser concluídos em Portugal, de conviver com pessoas de sua idade, de fazer amigos e amores, de abrir as portas para um novo mundo mais tranquilo e justo. Torga ainda estudou durante um ano no Ginásio, onde viu seu universo literário se abrir em versos, parecidos com os que lia na *Antologia brasileira*, de Eugênio Werneck⁸, e que publicava na *Voz de Ribeirão*⁹.

⁷ Trás-os-Montes era seu “reino maravilhoso”, um verdadeiro mar de pedras, como por diversas vezes ele falava sobre seu berço natal. Clara Rocha, crítica literária e filha do escritor, diz que lá era o seu “*axis mundi* [...] local sagrado a partir do qual ele contempla o mundo” (ROCHA, 2000, p. 25).

⁸ A *Antologia brasileira*, de Eugênio Werneck, reunia trechos de poemas e prosas de autores brasileiros. O livro era utilizado na disciplina de Português, como bem relata Torga no seu livro de

Após esse período, o adolescente recebeu uma carta do tio anunciando o retorno a Portugal. Nada mais o prendia ali. Torga levou do Brasil dias difíceis de sua adolescência, as amargas lembranças da tia, um sotaque estranho; mas também foram na bagagem boas recordações e bons aprendizados desses anos, como os estudos do Ginásio, os amigos, e a companhia literária de *Quincas Borba*, livro de Machado de Assis.

Quando retorna a Portugal, tudo ainda parecia intacto ou alterado para pior: a pobreza inalterável, a vergonha de voltar sem ter feito riquezas como os portugueses de outrora e os ares que anunciavam o início da ditadura militar¹⁰. Entre o rearranjo geográfico, sentimental e político, Miguel Torga termina os estudos no liceu e entra para a faculdade de Medicina, em Coimbra, toda paga pelo tio.

A partir da leitura do primeiro relato autobiográfico de transmuntano, pensamos juntos com Clara Rocha, filha de Torga e estudiosa de literatura portuguesa, quando ela reflete que, nesses primeiros anos de vida do autor, há traços de formação não só pessoal e literária do montanhês, mas também das influências míticas e culturais, aproximações geográficas físicas e sentimentais vividas por ele.

Os anos da adolescência no Brasil são um tempo de aprendizagem e descoberta: de uma natureza tropical e pujante, desmesurada, tão diferente da natureza familiar da infância; de uma geografia física com horizontes também mais amplos; de uma geografia humana com as suas classes sociais e os seus tipos; de outras crenças e superstições, arreigadas no imaginário de gentes do “terreiro”; da maldade humana, incarnada na figura da tia, verdadeira imagem de megera; do sofrimento e do “medo de me ver sozinho no mundo”, longe da grande família rural de “Agarez”; do amor e do sexo. E também da liberdade individualmente conquistada (ROCHA, 2000, p. 44).

Passados trintas anos do primeiro embarque para o Brasil, em 1954 o poeta tem a oportunidade de visitar a terra que foi sua madrastra. Ele, modificado pelo tempo e experiências; o Brasil, pelas estruturas físicas, políticas e sociais.

memórias. Mais adiante, trataremos de como a leitura desses textos foi importante para a formação leitora do autor português.

⁹ Durante nossas pesquisas, não encontramos referências sobre esse jornal. Buscamos em acervos digitais, como a Hemeroteca, e na Biblioteca Pública de Belo Horizonte, mas não obtivemos sucesso.

¹⁰ O ano do retorno de Miguel Torga, 1925, é marcado por diversas revoltas, como o Golpe dos Generais (18 de abril), que já ensaiava e demonstrava o que estaria por vir: “Um golpe militar derrubara o governo constitucional, e instituíra uma ditadura” (TORGA, 1996, p. 211). O período ditatorial tem início em 1926, mas só em 1933, com a instituição de uma nova constituição, consolidou-se a ditadura do Estado Novo, que durou por longos 41 anos.

Dessa vez, o retorno era por um contexto totalmente diferente, visto que partia como convidado do Congresso Internacional de Escritores, em São Paulo, em razão das comemorações do quarto centenário da cidade. Quem o esperava já não era um “desconhecido” com um retrato na mão, mas jornalistas e autoridades que “se esforçavam por ser amáveis e congratulatórios” (TORGA, 1996, p. 593). Sua presença tão aguardada gerou grande expectativa na cena literária brasileira, principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Muito antes de ocorrer o evento, os jornais da época¹¹ já o noticiavam como um “Encontro marcado da Literatura”, como a edição de 30 de julho de 1954 do *Correio da Manhã* (RJ)¹². A notícia ainda anuncia Miguel Torga como a grande estrela do evento, ao lado dos americanos William Faulkner e Robert Lee Frost: “As grandes atrações do congresso serão William Faulkner, Robert Lee Frost e Miguel Torga, o grande escritor português tão admirado aqui no Brasil”. Ao lado deles, estiveram também escritores brasileiros, como Cecília Meireles, Paulo Rónai, José Lins do Rêgo, Oswald de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Lúcia Miguel Pereira, Guimarães Rosa, dentre outros. As discussões variavam sobre questões da literatura moderna, crítica de arte, meios de divulgação dos pensamentos e o Novo Mundo. Torga recorda o convite para participar do congresso em *A Criação do Mundo*: sexto dia:

Foi no rescaldo de alguns casos assim trágicos e desalentadores – e havia ocasiões em que não sei que lei fatídica os fazia surgir em série – que recebi um convite para participar num colóquio internacional de escritores que se realizava em S. Paulo integrado nas comemorações do centenário da fundação da cidade. Depois de muitas hesitações, que mais uma vez só eu próprio compreendia, acabei por aceitar. Era uma maneira de desanuviar o espírito, de conhecer camaradas de letras com nome na matriz, de ouvir e discutir, tanto mais que o tema a tratar – o Novo Mundo visto pela Europa – me tocava por dentro, como português e antigo emigrante. Sobretudo, *tentava-me a perspectiva de rever o Brasil da meninice* (TORGA, 1996, p. 591, grifo nosso).

Os jornais, principalmente os do eixo Rio de Janeiro-São Paulo, anunciaram a visita do escritor com fotos, entrevistas, reportagens e curiosidade. No *Diário de notícias* (RJ)¹³, edição de 1954, tem-se que

¹¹ Elencamos apenas alguns jornais que traziam o nome de Torga agregado com alguma informação sobre ele.

¹² Cf.: Anexo B.

¹³ Cf.: Anexo C.

Outra “atração” do Congresso foi Miguel Torga. Os que têm o vício de ler no Brasil já conheciam esse montanhês (da Serra da Estrela) ex-tropeiro e ex-carregador de sacos em Minas Gerais. Grande poeta, grande contista, escritor de uma força que fazem compararem-no com Camilo. [...] O seu “Diário” – autobiografia-rio (*sic*), ou melhor, memórias já no sétimo volume é citada (*sic*) como uma obra importantíssima (J.O.B, 1954, p. 4).

Já no *Correio Paulistano* (SP)¹⁴, em 14 de agosto de 1954, Torga é apresentado como “a figura mais procurada pelos intelectuais em São Paulo”. O jornalista também nos revela um fato curioso, quando recorda que: “Lembra-se o escritor ter já morado em nosso país. Aqui passou parte da adolescência, ocupado nos mais diferentes misteres. Sonha ir um dia ao Amazonas, repetindo a façanha de Ferreira de Castro”. Por sua vez, as notas do *Correio da Manhã* (RJ)¹⁵, de 19 de agosto de 1954, relembram que

Além de Faulkner, o escritor estrangeiro sobre o qual existiu, durante o Congresso, a mais viva curiosidade, foi o português Miguel Torga. Como se sabe, viveu ele no Brasil toda a meninice e parte da mocidade. Em casa de Oswald de Andrade (que está muito doente), lembrava Torga algumas cenas dos anos passados na zona da mata de Minas. Tendo chegado ao nosso país como imigrante, aqui exerceu as profissões mais humildes: foi tropeiro e trabalhador rural. Em certa época – disse – tamanha foi a sua miséria que se viu obrigado a caçar cobras para o Instituto Butantã a fim de conseguir dinheiro para o próprio sustento.

O retorno ao Brasil lhe reservou voltas por São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Em cada cidade, um encontro inesperado ou inusitado, uma lembrança ou um novo olhar assustado e encantado. No Rio e em São Paulo pôde conferir palavras sobre sua experiência de emigrante, seu olhar europeu, literatura portuguesa, dentre outros temas, em razão de sua participação no Congresso e de suas visitas aos Centros Transmontanos. Em Minas Gerais, onde o “desassossego continuava”, pôde passear pelas ruas de Belo Horizonte, onde encontrara o “Brasil já nas mãos dos brasileiros, a nossa lição urbana e social alargada e atualizada”, e Ouro Preto, um “cemitério habitado por vivos”. Mas a viagem pesa quando ele revisita os cenários de sua infância, com um sentimentalismo singular de um reencontro: a fazenda e o colégio. O encontro com o tio no cenário da infância é o que tem mais intensidade na viagem a Minas. Torga, que sempre foi dono das palavras, quando descreve esse momento, parece não as conhecer.

Nesse momento da vida de Miguel Torga, podemos viajar junto com ele a partir das suas notas no *Diário VII* e nas recordações do sexto dia *d’A Criação do*

¹⁴ Cf.: Anexo D.

¹⁵ Cf.: Anexo E.

Mundo. Nelas encontramos um outro Torga, agora mais comprometido com a reflexão social e política, atento às transformações e aos discursos em sua volta. Mesmo estando envolvido nessas outras questões, não deixa de lado as recordações da adolescência. Por algumas vezes, o tom pessoal e as cenas que ficaram paralisadas no tempo pesam e entrelaçam passado e presente. Após a viagem de 1954, uma carta enviada a Ribeiro Couto, brasileiro e amigo pessoal do autor, recorda esses dias e dá o tom dual que aproxima o poeta do Brasil:

Meu velho: Estive, realmente, na tua terra, no teu Brasil. Fui lá matar saudades. Um amigo prudente, que sabe muito destas coisas da vida, afirma a pés juntos que as saudades não devem matar, e que, em matéria de lugares amados, o melhor é conservá-los numa redoma de ausência. Mas eu sou de opinião contrária. Sempre que posso, *vou onde as recordações chamam*. Por isso aproveitei uma aberta das circunstâncias, e meti-me a caminho (TORGA, 1955, p. 149, grifo nosso).

Temos, então, dois instantes na vida do autor, em 1920 e 1954, que se entrelaçam para formar temas importantes em sua produção literária sobre o Brasil, que partem não só da *dor* da experiência no exílio e de uma peregrinação as suas lembranças, mas também de um contexto que leva em consideração a formação intelectual, influência social e histórica vivida por ele. Forma-se, então, duas modulações do memorialista: um que se compromete totalmente com suas recordações da adolescência; outro que toca na dor de ter sido um emigrante, mas está mais próximo do contexto em que vive.

A partir desse pensamento, podemos dizer que Torga possui uma relação particular com o Brasil. A produção sobre esse vínculo brasileiro não parte apenas do contato pessoal do autor com o país, mas também de toda uma formação literária na qual ele esteve envolvido. Portanto, antes de enveredarmos propriamente para os textos de Torga sobre o Brasil, é necessário revisitar os pensamentos que envolveram o contexto literário do século XX.

2.1 Tempos de *Orpheu rebelde*

Nas primeiras décadas do século XX, as correntes vanguardistas, com seus projetos estéticos que defendiam a criação de novos códigos e pensamentos artísticos, bem como a ruptura com correntes tradicionais e uma nova visão da cultura, ganhavam força na Europa, rompendo com as tradições culturais do século XIX e influenciando cada vez mais artistas que se encontravam a frente do seu tempo. D'Alge (1989, p. 12) apresenta que

A vanguarda traz em si uma proposta revolucionária que entra não só em choque com os padrões aceites e assimilados, como propõe meios de expressão para modificação desses padrões. Ela assume uma postura ideológica, oferecendo à sociedade uma possibilidade de mudança, através de uma nova visão das coisas, e a utilização de uma nova linguagem. Em outras palavras, a vanguarda propõe uma nova *weltanschauung*, isto é, uma nova concepção do mundo.

Já insuflados por esses pensamentos modernos e almejando um “Portugal futurista”, Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro e Almada Negreiros organizaram a publicação da revista *Orpheu* (1915), a qual colocou Portugal na cena modernista europeia. A proposta da revista de trazer infinitas possibilidades de enxergar o mundo gerou forte incompreensão da crítica conservadora da época. Esse período literário ficou marcado por novas construções estéticas na poesia, que se destacavam pela originalidade, riqueza cultural e intelectual. Dentre elas, temos a produção de Fernando Pessoa que, mesmo ao lado de grandes nomes da literatura, merece distinção por seu pensamento criativo, além de ser “um acontecimento no mundo literário português. Não é um grande poeta a mais que aparece: é uma presença que balisa (*sic*) uma época” (TORGA, 1955, p. 96). Mesmo tendo sido hostilizada ou desconhecida enquanto viva, a geração da *Orpheu* não “pregou no deserto” (TORGA, 1955, p. 96). Na primeira edição da *Orpheu*, Pessoa esclarece que

Não somos portugueses que escrevem para portugueses; isso deixamo-lo nós aos jornalistas e aos autores de artigos de fundo político. Somos portugueses que escrevem para a Europa, para toda a civilização; nada somos por enquanto, mas aquilo que agora fazemos será um dia universalmente conhecido e reconhecido (PESSOA *apud* NEVES, 2011, p. 135).

Embora ainda fossem muito criticados, não precisou de muito tempo para que o projeto literário da *Orpheu* ganhasse o reconhecimento de literatos e, conseqüentemente, seus primeiros discípulos. Como uma forma de firmamento desse novo movimento, surge a revista *Presença* (1927), influenciada também por questões modernistas. Essa segunda fase, conhecida como *Presencismo*, foi pensada, principalmente, por José Régio e Branquinho da Fonseca, que, à sua moda, discutiram, rebateram e ampliaram os ensinamentos dos primeiros modernistas. Torga recorda que, mesmo havendo algumas diferenças entre os pensamentos da *Orpheu* e da *Presença*, “as pequenas tricas de grupos, as ambições pessoais de alguns, os fracassos e as dificuldades, não impediam que o

sonho tivesse horizontes rasgados e nobres. [...] juntos queríamos o sol” (TORGA, 1996, p. 213).

Nesse período, Portugal desenhava um novo quadro social, político e cultural, pois instaurava-se um golpe militar e, com ele, o conservadorismo, o nacionalismo exacerbado, as perseguições políticas e a censura aos meios artísticos. Assim, esse novo engajamento¹⁶ literário teve como pensamento uma remodelação de um país em rupturas culturais e sociais, com propostas de estéticas inovadoras que iam do regional à transgressão da religião. É importante alertar que, embora estivesse vivendo tempos difíceis, a proposta inicial da revista não era de ser folhetins para alertar essa situação, mas, sim, um espaço para incentivar e divulgar as novas manifestações artísticas que não tinham espaço devido às perseguições políticas.

A segunda fase do modernismo português se destaca pela grande formação de críticos literários de Portugal (João Gaspar Simões e Adolfo Casais Monteiro); bem como por divulgar autores estrangeiros (dentre eles, os brasileiros Cecília Meireles, Manuel Bandeira, Jorge Amado etc.). Parte da influência crítica e literária desses movimentos vinha, principalmente, de fora, por exemplo, a partir das reflexões da *Nouvelle Revue Française*, André Gide, Paul Valéry (que chegou a contribuir com alguns poemas na *Presença*), Dostoiévski; bem como da psicanálise de Freud e Bergson. A proposta da revista era, então, como bem afirma Neves (2011, p. 136):

tornar a cultura portuguesa partícipe do contexto da Europa moderna, assumindo-se como veículo de divulgação, em Portugal, dos nomes mais proeminentes das literaturas estrangeiras, até então desconhecidas ou negligenciadas. Neste sentido, um dos seus principais propósitos consistiu em “estudar e divulgar entre nós (...) aqueles escritores estrangeiros cuja obra, revolucionária de espírito e forma, era entre nós caluniada, mal conhecida, desconhecida”¹⁷.

O projeto de divulgação de uma arte moderna em Portugal afirmava, cada vez mais, o compromisso presencialista de romper com a expressão “arte pela arte” e

¹⁶ É importante deixar claro que alguns críticos não reconhecem a *Presença* como uma segunda fase do modernismo português, visto que, para eles, esse momento não traduz uma continuidade do que pregava a geração de *Orpheu*. Para Eduardo Lourenço, que comunga desse pensamento, essa fase da literatura de Portugal é mais uma “contra-revolução do modernismo”. Cf.: LOURENÇO, Eduardo. “*Presença* ou contra-revolução do modernismo português”. In: _____. **Tempo e poesia**. Porto: Relógio D'água, 1974. Para nós, não cabe aprofundarmos nessa questão, pois nosso objetivo é apenas ter conhecimento das principais ideias desenvolvidas na *Presença* e como elas tornaram-se influência na obra de Miguel Torga.

¹⁷ O trecho citado pela autora é de José Régio na edição de 1932, página 19, da revista *Presença*.

passar a pensar uma “arte pela vida”, o que despertava a possibilidade de dar a esses modernistas o propósito de hastear a bandeira de uma arte engajada e compromissada socialmente. O texto *Literatura Viva*, de José Régio, que abre o primeiro exemplar da *Presença*, em 10 de março de 1927, dá o tom do que seria esse pensamento:

Literatura viva é aquela em que o artista insuflou a sua própria vida, e que por isso mesmo passa a viver de vida própria. Sendo esse artista um homem superior pela sensibilidade, pela inteligência e pela imaginação, a literatura viva que ele produza será superior; inacessível, portanto, às condições do tempo e do espaço (RÉGIO, 1927, p.1).

Régio ainda completa seu texto com reflexões de que não bastava apenas ter uma literatura nacionalista que vivia presa às amarras de um pensamento constituído pelo romantismo do século XIX, com a “falta de originalidade e a falta de sinceridade”. Não bastava, também, ter um texto com escritas mecânicas e pensamentos prontos. Era necessário ousar a partir da intelectualidade, da estética, da razão, da modernidade.

Movido por essas questões, Miguel Torga se alia aos presencistas e contribui com a revista a partir de 1929, mas em apenas 5 números, com os poemas “Altitudes” (1929, n.º 19), “Bailoço” e “Inércia” (1929, n.º 22), “Remendo” (1929, n.º 23), “Balada da Morgue” e “Compenetração” (1930, n.º 24); e o texto em prosa “O caminho do meio” (1930, n.º 26). As correntes libertárias e literárias da revista, também conhecida por *Vanguarda*, um criptônimo, davam ânimo para se ecoar um grito de liberdade. Mesmo sendo ela composta por um pequeno grupo, os números saíam heroicos e escandalosos:

Vivíamos em desafio constante, sem transigências, sem complacências, seguros de nossa missão renovadora. Poucos e unidos, desafiávamos Portugal inteiro, que continuava cego na sua rotina, no seu conformismo, na sua retórica. Todas as experiências gráficas e literárias se faziam, todas as tentativas se ousavam (TORGA, 1996, p. 213).

No terceiro dia d’*A Criação do Mundo*, Torga afirma o pensamento que deu origem às propostas dessa geração: “queríamos ser a autenticidade dum Portugal local, que desejávamos tornar universal” (TORGA, 1996, p. 214). Mesmo envolvido com as correntes modernistas, a passagem de Torga foi curta na *Presença*. Então, em 1930, ao lado de Branquinho da Fonseca e Edmundo de Bettencourt, rompe com os presencistas, por meio de uma carta, com a prerrogativa que a revista havia se submetido a uma proposta completamente diferente do

propósito inicial. Desse período, Rocha (2000, p. 50) relata quais as marcas ficaram no espírito do autor:

As leituras de Dostoievsky, Proust, Gide, Ibsen, Jorge Amado, José Lins do Rego, Cecília Meireles, Ribeiro Couto e Jorge de Lima, autores que a revista contribuiu para divulgar em Portugal. E também o fascínio pelo cinema, em especial pelo cinema mudo e pelos heróis: Charles Chaplin, Buster Keaton.

Torga ainda organizou a Revista *Sinal* (1930), que teve um único volume, e a Revista *Manifesto* (1936), que defendeu um “humanismo literário de base real e a-retórica” (TORGA *apud* ROCHA, 2000, p. 61), afastando-se mais das ideias presencialistas. Essa última só durou 5 números, devido à grande perseguição dos serviços de censura da época.

É certo que esse período foi importante para sua formação estético-literária, porém cabe lembrar que Torga não se limita a rótulos. Ao mesmo tempo em que sua obra traz uma filiação com as questões modernistas, ela também envereda para o pensamento neorrealista¹⁸, no qual a visão social sempre alcança o íntimo, ou vice-versa. Não podemos simplesmente encaixá-lo nessa ou naquela corrente literária, muito menos limitar os temas de suas narrativas para inseri-lo em um período da literatura. Se sua intenção era ser um homem do seu tempo, como ele mesmo tantas vezes relatou em seus diários, essa foi alcançada e até ultrapassada para ser um homem de todos os tempos. Nesse sentido, Linhares Filho nos diz que, por essas e outras questões,

[...] um autor com tão variadas facetas de cosmovisão e senhor de tão ricos recursos expressivos, como Miguel Torga, não há de suportar meros rótulos de integrante desta ou daquela corrente literária. Há de ser encarado como um poeta independente, de dimensões universalistas, como é próprio dos criadores, cujas obras se impõem por si mesmas e que, comprometidas com o tempo, não deixam de, instauradoras, comprometer-se com o eterno (LINHARES FILHO, 1997, p. 19).

Sendo Torga esse homem de uma literatura de cosmovisão, em tudo sua alma enxerga uma nova história, até no ato médico, que foi um arcabouço para a construção de diversas narrativas e personagens. Durante toda a vida o montanhês dedicou-se às consultas médicas, especializadas em otorrinolaringologia, sem se

¹⁸ O neorrealismo português tem seu início em meados de 1930, e o maior nome desse período é o de Ferreira de Castro, que, assim como Miguel Torga, também viveu um período de exílio no Brasil. A produção de Torga pende um pouco para esse período pela proximidade temporal, mas também, e principalmente, por congregar diversas questões defendidas pelos literatos dessa época, como o drama humanitário.

afastar das páginas literárias. Com a janela aberta para os montes de Coimbra, seu consultório recebia pacientes, que, além das queixas médicas, levavam os mais diversos casos de vida, os quais lhe serviram também de moldes para as páginas de sua literatura. Entre uma consulta e outra, tecia-se um verso ou uma prosa. Em seu *Diário IX* (1964), ele explica como se deu esse laudo literário:

- A medicina dá muitos escritores! Por que será?
Pacientemente, dobro a receita, tiro os óculos, levanto-me e começo o sermão, que hoje me saiu um pouco sincopado:
- Não é que os dá. Limita-se, simplesmente, em preservar esse dom aos que nasceram com ele, o que já não é pouco. Ao invés de outras profissões, que estrangulam no indivíduo o espírito da aceitação e compreensão do semelhante, esta faz o contrário. O médico, como tal, nem pode fechar as portas da alma, nem apagar a luz do entendimento. É todo o humano que o solicita a todas as horas: o que sofre, o que simula, o que teme e o que desvaria. E só a graça de uma certa dimensão afectiva e mental permite corresponder eficientemente a tantos e tão diversos apelos. Ora, essa dimensão está implícita na condição do artista, o mais receptivo e perceptivo dos mortais. Por isso, quando o acaso sobrepõe a uma vocação criadora uma condenação clínica, não há dramas sangrentos. *A caneta que escreve e a que prescreve revesam-se harmoniosamente na mesma mão* (TORGA, 1964, pp. 59-60, grifo nosso).

Em seus textos encontramos resquícios da aproximação com as correntes literárias da época, bem como de seu ato médico. Essa ligação mostra a capacidade com que o autor mescla literatura e vida, não só para falar de si, mas também para narrar o outro. Não só as memórias pessoais se tornam matéria literária, mas também a memória oral, ou seja, aquelas histórias que ele escutou em seu consultório formam também matéria-prima para sua literatura. Essa união aparece em seus textos por meio, principalmente, da figura do português camponês e emigrante, da exaltação e da crítica à terra natal, bem como em outras visões que envolvem dramas sociais, que o colocam como um literato de sentimento comunitário, o qual formula diversas denúncias solidárias.

Quando fala de Portugal, por exemplo, as palavras parecem ser talhadas nas pedras das montanhas de Trás-os-Montes, como também parecem navegar pelo mar português. Na maioria das vezes, quem faz o papel principal de contar essa história na prosa torquiana é o camponês que sofre com a terra, ou que emigra com sua dor. O próprio escritor transmuntano redige o retrato do povo montanhês:

Acossados pela necessidade e pelo amor da aventura emigram. Metem toda a quimera numa saca de retalhos, e lá vão eles. Os que ficam, cavam a vida inteira. E, quando se cansam, deitam-se no caixão com a serenidade de quem chega honradamente ao fim dum longo e trabalhoso dia (TORGA, 2017, p. 40).

Por não se encaixar em um só contexto literário, seu olhar e pensamento plurais refletem-se em sua vasta obra. Ao longo da vida, dedicou-se aos poemas, contos, romances, teatro; bem como às memórias e aos diários. Publicou mais de cinquenta títulos. Em sua maioria, ficamos diante de retratos densos de personagens em condições psicológicas e contextos sociais bem delineados. Seixas (1996, p. 5) nos alerta que, mesmo diante dessa imagem de ferida aberta, Torga não exige de seu leitor um pensamento engajado intelectualmente e politizado, mas, sim, “a se comprometer com o destino dos personagens das suas histórias”, pois elas “pintam uma realidade humana com cores tão vivas que é impossível a qualquer outro ser humano não sentir uma ponta de simpatia e solidariedade”.

Caminhando nessa mesma vertente, quando encontramos o Brasil em suas narrativas, ficamos diante de um escritor ainda comprometido com os dramas dos emigrantes, sem esquecer a sua dor de ter sido, também, um migrante. A partir da compreensão destas duas imagens, deparamo-nos, então, com duas construções textuais: uma que está comprometida com a narrativa das recordações; outra que reflete sobre as mudanças históricas e sociais, sem deixar de lado a experiência do exílio. Essas produções se destacam por trazer resquícios da formação literária do escritor, como também pelo peso pessoal da memória e a argumentação crítica sobre o Brasil feita por ele.

2.2 O Brasil como página literária

Na literatura de Torga encontramos o Brasil em diversas facetas, dos personagens aos cenários. Em sua maioria, reverberam as lembranças da experiência vivida pelo autor durante a adolescência. Algumas vezes, a narrativa é produzida com um tom mais íntimo e pessoal; em outras, o discurso é mais crítico e pontual. Essa produção merece um olhar à parte das demais, pois suas características singulares, ao unir testemunho e memória, imaginação e ficção, despertam em nós a possibilidade de traçar um mapa literário brasileiro torguiano e identificar nele qual o ponto cardinal que guia essa produção.

As páginas brasileiras se destacam pela capacidade com que o autor conduz seu eu nas narrativas, sejam elas ficcionais e/ou autobiográficas, colocando em evidência suas recordações e a posição reflexiva própria de quem viveu em condições de desterrado. O montanhês não poupa palavras para montar sua própria

Literatura Viva, onde faz da vida e experiências fonte de ideias, sensibilidades, imaginação e realismo.

Na ficção, que não entra em nossa análise, mas é importante destacar, o escritor projeta o Brasil em contos, como alguns do livro *Contos da Montanha* ([1944] 1996), no qual há diversas histórias de emigrantes portugueses que encontraram uma rota brasileira para tentar mudar a realidade da vida de sua aldeia natal.

No conto “A promessa”, por exemplo, Lucas é uma das figuras que, assim como o escritor, era emigrante português e trabalhava arduamente nas terras mineiras, mas tinha sempre em mente alcançar a promessa que fizera de um dia voltar a sua terra natal. No conto, ficamos diante da relação sentimental que envolve a condição de emigrante, como a saudade e a esperança do retorno ao lar natal. Além disso, é notória a proximidade da natureza física com a íntima dos personagens. Se analisarmos com mais atenção, Lucas e sua história parecem ser um retrato autoficcional¹⁹ de Torga, visto que ambos mantinham uma relação intrínseca com a natureza, foram emigrantes no Brasil, viveram e trabalharam em terras mineiras.

Mesmo que a história do personagem da ficção se assemelhe a de Torga, é por meio da sua literatura autobiográfica que ficamos mais próximos do Brasil visto, vivido e narrado por ele. Suas palavras, na maioria das vezes, são construídas por uma reflexão pessoal e memória íntima. É nessas narrativas que encontramos o autor imerso em suas recordações da emigração e do exílio. Nas páginas de *A Criação do Mundo* e de alguns *Diários*, reencontramos o português talhando suas lembranças brasileiras.

O primeiro vínculo escrito e existencial de Torga com o Brasil está em suas memórias, principalmente no segundo dia, onde temos um sujeito totalmente guiado pelo ato de rememorar e narrar. Nesse relato, voltar ao passado é a mecânica fundamental para a escrita. No segundo dia d’*A Criação do Mundo*, Torga está totalmente disposto a contar sua experiência de exílio e todos os contextos que circundaram seu estar no Brasil. A narrativa toda em primeira pessoa, como é o caso da edição de 1969, deixa claro que as memórias e a imaginação que ali estão

¹⁹ O termo vem de “autoficção”, conceito trabalhado por Serge Doubrovsky que diz respeito ao romance autobiográfico. Como isso não se aplica totalmente ao gênero textual em questão, cabe, aqui, pensar, em linhas gerais, apenas sobre um “personagem autoficcional”, que é uma construção refletora da personalidade de um personagem a partir da do autor.

provêm de uma experiência particular. Nesse relato, Torga está imerso em seu passado e sua narrativa tem o propósito de seguir um trajeto já traçado pela memória. Quando esta falha, entra em cena a imaginação.

É importante observar e adiantar que não há como desvincular essa primeira produção de Torga, que parte, principalmente, do descortinar das experiências e dos sentimentos do um desterro na infância, com o conceito de exílio, visto que nosso pensamento acerca dessa definição foi formado a partir da ideia de que esse momento é uma fratura geográfica e sentimental com sua filiação natal. Como todo machucado profundo, mesmo que haja uma cicatrização, as marcas continuam.

Por outro lado, nas notas do *Diário VII*, o presente desperta não só a do dor do desterro que estava guardada nas caixas da memória, mas também a possibilidade crítica de avaliar e pesar a imagem atual com as que ficaram presas no passado. Nesses relatos, não revisitamos os dias da adolescência do escritor, mas as *recordações* que ainda os envolvem. Para Toga, tudo recorda; desde quando recebe o convite até as paisagens e as pessoas mais diversas que encontra no meio do caminho. Temos, então, um sujeito que se aproxima dos cenários brasileiros a partir de um vínculo mais íntimo, onde as paisagens do eu, na maioria das vezes, dão o tom aos relatos. Investido com esse vínculo de quase pertencimento a uma terra que nem sempre lhe foi agradável, ele pode, então, formular outros pensamentos sobre ela, tais como: mais crítico, protocolar e comprometido com o outro.

É importante destacar, também, que ambas, as memórias e o diário, são compostas pelas recordações e por uma formação temporal do ser, porém, por vezes, essas temáticas se destacam mais em uma que na outra. Por isso que, se postas lado a lado, mesmo não tendo sido escritas no mesmo período, suas leituras se completam, pois ficamos diante do testemunho e das lembranças que a experiência do desterro ainda guardavam. Partindo desse sentido, Alberto da Costa e Silva afirma que

as memórias e o Diário completam-se, e a leitura paralela esclarece, corrige ou inteira cenas, julgamentos e experiências. [...]. O que não se altera de uma obra para a outra é a limpeza tensa da prosa de quem parece escrever no ritmo do corpo – o que se revela sobretudo no movimentar das situações e na exatidão do diálogo (SILVA, 1996, p. 5).

O que Silva explica se aplica também aos relatos sobre o Brasil no *Diário VII* e n' *A Criação do Mundo*: sexto dia, narrativas que foram escritas sobre o mesmo período. A diferença que encontramos é a proximidade sentimental com que as cenas são narradas. Nas notas do diário, quem conta a viagem é um homem que parte para um reencontro, um pouco amedrontado, com o passado: “Coimbra, 26 de julho de 1954 – Embarco amanhã para o Brasil, e ainda estou mais aflito do que da outra vez...” (TORGA, 2010, p. 234). Enquanto nas memórias, quem recorda é o sujeito que ainda tem o porte de suas recordações, mas as obrigações e a sensatez da maturidade pesam mais:

fiz de novo a travessia do Atlântico, não nos malfadados porões do *Arlanza*, mas na primeira classe dum luxuoso barco moderno. Só que *agora viajava carregado de responsabilidades, fechado em horas infundas, a escrever, ou debruçado na amurada, a meditar* (TORGA, 1996, p. 592, grifos nossos).

Agora investido de uma obrigação mais acadêmica e “carregado de responsabilidades”, ficamos diante de um outro eu de Torga que fala sobre o Brasil. Nessa segunda instância, construída a partir do seu regresso, encontramos um homem mais distante do investimento pessoal que o Brasil lhe trouxera, e voltado à reflexão crítica e social que as duas nações – Brasil e Portugal – ofereceram-lhe. Adentramos, então, outra relação existencial de Torga, mas, dessa vez, mais intelectual do que sentimental.

Em alguns textos produzidos durante sua segunda passagem por terras brasileiras, para o Congresso de Escritores, em 1954, ficamos diante da formação crítica e social que o autor construiu ao longo do tempo sobre os dois países. Nas conferências reunidas no livro *Traço de união – temas brasileiros e portugueses* (1955), que foram proferidas durante o evento e no Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro e em São Paulo, outro Torga fala sobre o Brasil. No texto *Do passado ao presente – Brasil*, que foi sua fala principal no congresso, por exemplo, temos um discurso inflamado no qual se coloca lado a lado a imagem que foi formada pelo Velho Mundo do passado e presente brasileiros. Para o conferencista, naquela época, “o povo é o mesmo, cumpre honradamente o seu destino de trabalhar e viver. Mas as elites murcharam” (TORGA, 1955, pp. 12-13). Por outro lado, o país dos trópicos tornara-se outro, mais multicultural, que estava começando a saber viver sem a sombra da Europa a guiar os rumos da nacionalidade e da cultura. Por isso, ele completa:

Estamos a pisar, cheios de responsabilidades, uma terra de policromias humanas onde os próprios já não dão por isso. Terra de encontro de raças, que permitiu a mística e maravilhosa comunhão de sangues que o mundo conhece e admira. Milagre moderno que ninguém pode contemplar sem um assomo de orgulho (TORGA, 1955, p. 14).

Eram justamente essas novas cores e miscigenações que davam outro tom para o Brasil e seu povo. Por isso, para ele, “O Brasil poderia dar-nos um pouco da sua juventude, da sua confiança, da sua impetuosidade social”, mas o Velho Mundo também deveria ensinar “o segredo da medida, o condimento da experiência, a receita de alguns valores que o progresso espezinha na cegueira mecânica de chegar depressa” (TORGA, 1955, p. 12). A todo instante o autor faz reflexões sobre mudanças estruturais e, principalmente, sociais ocorridas nos dois países.

É importante destacar que essa visão híbrida não se restringe aos textos ensaísticos de Torga. Em seu *Diário VII*, texto escrito no mesmo período que o citado anteriormente, encontramos diversas notas, porém, sem muito entusiasmo intelectual, em que o autor faz balanços climáticos, sociais e culturais entre as nações as quais ele esteve filiado. Uma delas é escrita no Rio de Janeiro, em 16 de agosto, e diz:

Quando me lembro que hei-de regressar ao borralho climático e social da Europa, até sinto calafrios. Aquela velhice temperada terá história, terá experiência, terá arte, terá sabedoria, terá tudo. Mas o que ela não tem é o encanto de uma disponibilidade total, que vai do solo às almas e às instituições (TORGA, 2010, p. 241).

A experiência vivida durante sua adolescência, a qual já contamos no início desse capítulo, permitiu que ele construísse com propriedade essa linha cronológica de mudanças, em especial, social e estrutural do Brasil. Em contrapartida, seu engajamento literário, político e social em Portugal amparava suas palavras de crítica ao país. O fato de ele ficar entre as influências do presencismo e do neorrealismo português proporciona uma intrínseca relação, principalmente, com os temas culturais e sociais.

Essa é uma característica singular de um estrangeiro e ex-emigrante, que dá a possibilidade de uma visão plural e um olhar observador analítico e sentimental da pátria natal e daquela que a recebeu. A maioria dos fatos observados por ele é posta na balança do tempo, a qual analisa passado e presente tentando encontrar um resultado para o futuro. Em vista desse pensamento, Edward Said (2003, p. 59), crítico literário que viveu a experiência da emigração e do exílio, aponta que essa é

uma posição “contrapontística”, ou seja, há uma construção bilateral de pensamento crítico, onde essas “várias vozes” culturais e sociais falam sem interpelar na formação de cada uma; tornando essa, talvez, a única “condição positiva” do desterro. Vistas de fora pelo observador, a antiga e a nova pátria, em suas singularidades sociais, culturais, políticas e ideológicas, parecem mais atraentes e possíveis de reflexão. A isso atribuímos o pensamento de Said, quando comenta que a perspectiva de

“ver o mundo inteiro como uma terra estrangeira” possibilita a originalidade da visão. A maioria das pessoas tem consciência de uma cultura, um cenário, um país; os exilados têm consciência de pelo menos dois desses aspectos, e essa pluralidade de visão dá origem a uma consciência de dimensões simultâneas (SAID, 2003, p. 59).

Assim, esse lugar dá ao exilado uma oportunidade de aproximação cultural com a nação na qual ele está inserido, sem que haja um rompimento com suas tradições. Sua identidade se abre e se firma com o outro, ou seja, ele pode ser um “ser para si”, como também um “ser para o outro”, relembrando os seus hábitos nacionalistas e vivendo/desvendando os hábitos da nova nação. Essa questão é bem trabalhada por Said²⁰ (2003, p. 59), quando ele comenta que há uma construção, uma visão bilateral das culturas e das nações nas quais esse sujeito está inserido. Por isso, “ambos os ambientes são vividos, reais, ocorrem juntos como no contraponto. Há um prazer específico nesse tipo de apreensão, em especial se o exilado está consciente de outras justaposições contrapontísticas”.

Mesmo com um discurso sempre comprometido com as questões que envolviam as duas nações, no passado e no presente, em nenhum momento ele deixara de lado as palavras de ser um ex-desterrado e o tom nostálgico que também as envolviam. Essas características nos revelam não só o menino exilado português que dita os acontecimentos na memória, enquanto o adulto os escreve, mas também o intelectual que reflete sobre sua experiência no exílio, a qual se mistura com essas recordações, desvendando o homem inquieto perante às condições sociais e ao seu entre-lugar de viver e lembrar. Esse encontro simbólico e pessoal de recordações faz o português refletir que

²⁰ Em um contexto mais pós-moderno, podemos citar, também, trabalhos de Homi Bhabha, em *O local da cultura* (1998); Stuart Hall, em *Da diáspora: identidades e mediações culturais* (2003); Benedict Andersen, em *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo* (1983); dentre outros pensadores.

Na meninice, uma ancestralidade aflita, diante de formas, costumes e comportamentos inusitados; na idade madura, a saudade incurável dessa vida rica de peripécias, larga quente, generosa, sem regras nem medidas! Então, uma pobre e tenra criatura, modelada por hábitos estratificados, rituais, abruptamente arrancada do ninho, e posta em face doutras paisagens, doutros costumes, doutras nações; agora, esse mesmo ser humano, que aumentou o seu pecúlio de experiências, que alargou os seus horizontes espirituais, a lutar dentro da antiga pele onde já não cabe (TORGA, 1955, p. 111).

Torga não limita as suas palavras para falar sobre o Brasil. A tudo está atento, como também tudo analisa, aplaude, reprova e recorda. Todos esses temas contados com a mesma tinta. Quando os reunimos, podemos refletir que o escritor constrói uma dupla vinculação com o Brasil: uma existencial e outra literária. A primeira diz respeito à formação de sua adolescência, aos sentimentos nostálgicos que envolvem essa aproximação, às ligações fraternas e amigáveis construídas ao longo da vida; enquanto a segunda é o produto desse primeiro vínculo e, assim, apresenta uma produção singular sobre o Brasil, a qual perpassa não só pela escrita da sua vida, mas também das experiências e da formação intelectual.

Portanto, os documentos literários da passagem de Torga pelo Brasil trazem mais que as histórias de suas experiências, conduzem também um olhar humanitário, histórico, social e empático atento aos sentimentos do autor e ao contexto aos quais ele esteve ligado. Neles ficamos diante, também, da construção simbólica do perfil do narrador exilado que escreve sobre si, o qual está imerso em questões como o entre-lugar do pertencimento e as memórias que construíram a condição do exílio. Outras singularidades que formam essa produção particular de Torga são as características que conduzem a escrita autobiográfica das memórias e dos diários, que possuem traços importantes para entender a construção das lembranças escritas, bem como a proximidade poética e sentimental entre o *ser* e o texto.

Assim, antes de nos aprofundar nessas páginas torguianas sobre seu desterro brasileiro, é necessário fazer um caminho teórico para entender a relação entre exílio e relatos de si. Esse percurso é importante, pois, a partir dele, entenderemos outros subtemas que formam a escrita autobiográfica de Miguel Torga. Portanto, no capítulo seguinte abordaremos essas questões tomando como base estudos exemplares de diversos pesquisadores que se debruçaram sobre esses temas, a partir de uma visão mais abrangente.

3 AS PÁGINAS LITERÁRIAS DO DESTERRO: NOTAS TEÓRICAS SOBRE EXÍLIO E LITERATURA AUTOBIOGRÁFICA

“Quando a pátria que temos não a temos
 Perdida por silêncio e por renúncia
 Até a voz do mar se torna exílio
 E a luz que nos rodeia é como grades”
 (Sophia de Mello Breyner Andressen)

Desde sempre estamos diante de uma humanidade que está em trânsito. Alguns partem de sua pátria e deixam tudo para trás em busca de uma melhoria nas condições de vida; outros são expulsos de seu território natal. Não importa a situação, forçados ou por vontade própria, fugindo de guerras, diferenças ideológicas e de crenças, da pobreza e tantos outros pontos dissonantes na sociedade, eles deixam os hábitos diários, familiares e a pátria para ficarem diante de uma fratura incurável da vida, o exílio. Dos mais remotos relatos de emigrantes, viajantes, aventureiros, deportados, heróis, que abandonaram ou foram expulsos de uma nação, a dor de querer voltar ao lar natal ou a esperança do recomeço nos revelam que, entre o mito e a história, a condição de desenraizamento atravessa os séculos e, em cada um, assume suas particularidades.

Desde o mito da criação do mundo, nos deparamos com a experiência do afastamento do lugar natal, quando Adão e Eva são expulsos²¹ do Jardim do Éden, por provarem do fruto proibido. A partir de fontes e fatos bíblicos, buscar uma nova terra ou ser expulso do seu lar estava entre a provação e a benevolência da salvação divina, como a busca pela Terra Prometida; a imposição de um castigo, como os judeus que foram deportados para a antiga Babilônia, onde trabalharam como escravos²². Por outro lado, o mundo grego antigo nos revela, em sua mitologia, o exílio e as migrações atrelados a uma condição de pena e/ou atos de heroísmos. Para a cultura helenística, o desterro assume uma experiência negativa de separação. O maior castigo era ficar longe do lar e da pátria, o que resultava numa carência afetiva e perdas de direitos civis. Frente a isso, o exilado era impedido de participar da vida política da *pólis*. Em contrapartida, voltar para casa

²¹ Essa passagem pode ser encontrada no livro de Gênesis, capítulo 3, versículo 23.

²² Esses momentos são estudados pela pesquisadora Maria José de Queiroz, em seu livro *Os males da ausência ou A literatura de exílio* (1998). A autora resgata passagens bíblicas, bem como acontecimentos históricos que, de alguma forma, deram origem a exílios.

era também um ato heroico, um exemplo de sobrevivência das arbitrariedades das guerras²³.

Com o passar dos tempos, as arbitrariedades ficaram mais sistematizadas. O impedimento no curso dos dias dava forças ou obrigatoriedade de buscar sobrevivência e vida nova longe da pobreza da terra e dos horrores das guerras. A esses muitos seres em trânsito, que viveram uma realidade atemporal, restavam algumas “certezas”: o enigma da chegada, as armadilhas desconhecidas e os novos arranjos geográficos e pessoais. Edward Said (2005), crítico literário que viveu a experiência do exílio e dedicou diversas pesquisas sobre o tema, fala que

O exílio é um dos destinos mais tristes. Nos tempos pré-modernos, a deportação era um castigo particularmente terrível, uma vez que significava não apenas anos de vida errante e desnordeada longe da família e dos lugares conhecidos, como também ser uma espécie de pária permanente, alguém que nunca se sentia em casa, sempre em conflito com o ambiente que o cercava, inconsolável em relação ao passado, amargo perante o presente e o futuro. [...] Ao longo do século XX, o exílio se tornou uma punição requintada e, às vezes, exclusiva aos indivíduos especiais, num castigo cruel de comunidades e povos inteiros, geralmente como resultado inadvertido de forças impessoais como a guerra, a fome e a doença (SAID, 2005, p. 55).

Podemos pensar, então, que, ao longo da História, o desterro assumiu duas posições: a busca pelo exílio, por insatisfações pessoais, políticas ou ideológicas; e uma circunstância penal involuntária, vivida por aqueles que são expulsos de seu lar natal pelas mais diversas situações: por governos, condições sociais e consequências dos horrores da guerra. A partir da ruptura causada nas duas situações, o desenraizamento coloca em prática uma condição de banimento da família, pátria, cultura e língua materna. É quase impossível abordar as questões do exílio sem tocar nas da nação, visto que, em diversos momentos da história, a separação imposta pelo desterro e a busca incessante de afirmação de uma ideologia dentro dessa situação fez apontar fortes posicionamentos nacionalistas, como a independência dos Estados Unidos, a unificação da Alemanha, os quais surgiram a partir de levantes de grupos de exilados, que consideravam a sua posição a mais legítima.

Diante desse contexto, abre-se, então, uma fronteira larga entre o “nós” da coletividade nacionalista e o “eu” individual do exílio; entre o pertencer a uma

²³ Queiroz (1998, p. 41) também estuda o exílio para os gregos antigos. Para a cultura helenística, recorda a autora, o desterro estava relacionado à viagem sem a possibilidade de retorno ao lar, ou seja, viver em um interminável degredo.

pátria e afirmar suas ideologias no território estranho; entre o ficar em lugar tranquilo da nação ou arriscar-se nos mistérios da migração, do desterro. É justamente nessa margem que brotam as diferenças entre ser *nativo*²⁴ e ser *desenraizado*. Enquanto a identidade do primeiro vigora, esse sujeito será sempre visto como cidadão. Seu vínculo com o lugar natal é afirmado por meio de uma convivência em coletividade que é construída a partir de traços comuns, como a língua falada, os hábitos culturais etc. Até então, tudo parece comum, em uma visão singular e coletiva da nação, até que os hábitos dos dias se veem ameaçados pela quebra dos fios que ligam ao território natal. É justamente frente a esse rompimento que um sujeito fica diante de uma nova identidade, agora de desenraizamento, a de *exilado*.

No exílio, o hábito é tirado “violentamente”. O que há nele é o novo, informações que chegam a todo instante e precisam ser processadas rapidamente. Diferente dos hábitos do nacionalismo, no desterro tudo precisa ser percebido e demonstrado. Além disso, é necessário reencontrar seu pertencimento em uma situação de constante descontínuo. O exilado se vê no empecilho do retorno ao lar, observando o passado, na nostalgia dos hábitos comuns e das pessoas que estavam sempre a sua volta. Sua posição é singular, pois a tudo ele está atento: ao seu passado e ao presente; e tudo diz algo a ele: a aproximação e a distância da geografia física e sentimental da antiga e da nova pátria, o (não) pertencimento a uma terra e as novas e antigas relações pessoais, dentre outras particularidades.

Por isso que o homem desenraizado é posto em dois contextos do exílio: exterior e íntimo. O primeiro diz respeito ao corte geográfico sofrido por ele; e o segundo engloba os sentimentos envolvidos no rearranjo da sua nova condição de vida. Cabe destacar que essas condições não são vistas e vividas separadamente, visto que uma depende da outra para acontecer. Por exemplo, não há como um sentimento de não pertencimento a uma terra ser despertado sem que haja um corte e/ou uma distância geográfica com aquela a que o sujeito se sente totalmente pertencente.

Em meio essas novas configurações e informações que comandam a nova condição em que a vida se encontra, é necessário, também, “voltar para si”, deixar de observar o mundo lá fora e enxergar o que passa em seu íntimo. No exílio,

²⁴ Dentro desse grupo há também aqueles que *buscam* o exílio, isto é, revelam uma vontade de romper com os moldes da sociedade de que fazem parte para construir, ou pelo menos tentar, um *locus* de bem-estar físico e psicológico. Nessa perspectiva, o exilado procura o desterro justamente para tentar reconhecer-se dentro de uma cultura/nação.

por força das circunstâncias, diversos sentimentos vêm à tona, alguns que paralisam frente ao desterro, outros que impulsionam para tentar reverter a situação.

Assim, para organizar tantas novas informações, é importante que haja uma parcela de criatividade. Em meio a essas criações vindas ou feitas a partir do exílio, encontram-se músicas, pinturas, literaturas etc.. A escrita é a que mais nos chama atenção, por ser nosso meio principal de comunicação com o mundo, como também por ser fonte sentimental de refúgio, silêncio, fuga, grito etc. As narrativas sobre o exílio, se vistas em linhas gerais, parecem compor uma temática repetitiva de tudo o que a história já contou. Porém, elas nos revelam um sujeito híbrido, com discursos de dores silenciadas pelos contextos históricos, como também transcendem os impedimentos sentimentais e geográficos sofridos por ele. Seus personagens são os mais diversos: homem, mulher e crianças – sendo essas pertencentes a um grupo mais vulnerável, pois suas dores e seus relatos, por vezes, têm o trauma como cenário.

De porte dessas primeiras informações, neste capítulo, apresentaremos as características próprias de um homem desenraizado, como sua busca incessante por um pertencimento em um entre-lugar no qual ele foi imposto. Após isso, abordaremos como as narrativas autobiográficas, em especial as memórias e os diários de Miguel Torga, também podem ser consideradas relatos sobre o exílio, visto que nelas há um vínculo entre o homem e suas experiências.

3.1 Viver entre dois mundos: o homem desenraizado

A maior marca de estar desenraizado não é somente a extinção parcial dos direitos civis ou o distanciamento dos hábitos nacionais, mas sim a perda do asilo do lar natal e tudo que o envolve, pois, nesse instante de vida, toda sua textura social e pessoal é posta em conflito. O exílio não significa somente um corte geográfico, mas uma separação da sua primeira história de vida. É viver em um estado movediço. Não há mais um mundo sólido possivelmente habitável para si e, no percurso, a impossibilidade de retornar ao “primeiro lar” é a mais severa das restrições.

Já que “voltar para o lar está fora de questão” (SAID, 2003, p. 52), é necessário observar o novo e reorganizar a vida. Então, pensamos que os homens desenraizados se encontram em um lugar de observância, onde dispõem da singularidade de poder, muitas vezes, refletir sobre si e o que está a sua volta, e

assumir um olhar diferenciado sobre a nova terra a qual eles habitam. Há para eles uma afirmação ideológica sobre a antiga e a nova nação, que desencadeia uma visão positiva do exílio: a possibilidade de uma visão plural.

É quase uma dupla vinculação de pátrias. Enquanto o exilado está longe de sua filiação natal, ele “prepara o terreno” para tentar se sentir um pouco enraizado, busca nas novas informações que recebe características que se assemelhem ao que foi deixado para trás. Embora tenha que conviver a todo instante com a lembrança de que “aqui não é minha casa”, a necessidade de organizar sua estada em busca de um pertencimento – mesmo que pequeno – fala mais alto. Daí surge a possibilidade de aprender a viver em dois *modus vivendi*, nem totalmente desvinculado da sua cultura, nem totalmente imerso nos moldes culturais atuais. Said nos dá o ponto de partida para pensar sobre esse lugar singular, quando diz que

O exilado vive num estado intermediário, nem de todo integrado ao novo lugar, nem totalmente liberto do antigo, cercado de envolvimento e distanciamentos pela metade; por um lado, ele é nostálgico e sentimental, por outro, um imitador competente ou um pária (SAID, 2005, p. 57).

O exilado está posto em uma situação movediça, talvez a mais difícil de encarar, que é reconhecer a pátria que não é sua, um território estranho. Sua posição é repleta de novos sentimentos, como a *orfandade* da terra natal, a *saudade* do que ficou para trás, a *angústia* de estar a pisar uma terra estranha, a *esperança* de um dia retornar ao lar natal, dentre outros. Todos eles desaguam na busca incessante para um novo pertencimento.

Desse primeiro momento, surge a necessidade de tentar encontrar seu local nessa terra nova e voltar a “governar” sua vida e seu pertencimento a uma pátria. Afinal, “grande parte da vida de um exilado é ocupada em compensar a perda desorientadora, criando um novo mundo para governar” (SAID, 2005, p. 54), ou seja, longe de tudo que credita seu pertencimento a uma nação, é necessário aprender como viver novamente.

Partindo da premissa que, ao longo da vida, o homem tem sua existência (re)modelada, a partir da relação com outros sujeitos, podemos dizer que ninguém nasce e morre sem ser atingido, nem que seja o mínimo, pela experiência, educação, cultura contada ou ensinada pelo outro. Isso nos leva a pensar nas sensações e armadilhas de ter contato com mais de um mote cultural ao mesmo

tempo. Para o homem exilado, esse convívio com o novo torna-se essencial não só para que ele possa ter contato com novos pensamentos e tradições, mas também para que esse outro o ensine a viver nessa nova terra. Longe dos seus hábitos, em um primeiro momento, o desterrado, para tentar se encaixar, busca formas, coisas, pessoas que se assemelhem com tudo que ficou para trás. Porém, ele percebe que essa posição é irreal, pois não se pode ter aquele enraizamento natal, nem o pertencimento em terra estranha. É desse momento que sua posição singular de observador o presenteia com uma dupla vinculação.

Todorov, que também viveu a experiência do exílio e esteve imerso em duas culturas, trata esse momento como uma “*aculturação*, aquisição progressiva de uma cultura” (1999, p. 24, grifo do autor), isto é, o indivíduo que está imerso em uma nova cultura tem a oportunidade de aprender um pouco com os nativos. Digamos que é o resultado de vários embates de contato pessoal, social e cultural.

Nesse processo, ele percebe que não há como se desvincular da sua formação anterior, aquela que diz respeito às origens, à natureza identitária, pois elas são compostas dos traços que identificam seu pertencimento a uma determinada comunidade nacional, um grupo social. O crítico literário nos afirma que são duas formações distintas: “a primeira antropológica e a segunda pedagógica, a cultura como tradição e a cultura como formação (*bildung*)” (TODOROV, 1999, p. 187).

O exilado começa, então, a organizar seu mundo, a nova condição em que ele se encontra. Esse momento permite uma interação consigo, pois passa a observar/lembrar o que ficou em seu passado, mas ainda pulsa em seu íntimo; como também com o outro, ou na nova pátria, encontrando nele traços que podem ser possíveis de identificação, absorção e (in)formação. Passado esse momento de organização do seu estar no mundo, o exilado pode, enfim, assumir um lugar mais confortável, o da *transculturação*, que permite a ele conseguir viver entre as duas culturas, ou, pelas palavras de Todorov (1999, p. 26), é “aquisição de um novo código sem que o antigo tenha se perdido”. Nesse instante, ele torna-se um sujeito híbrido, o qual não precisa esquecer tudo o que foi responsável por sua formação, mas, sim, aceitar, tolerar, entender, compartilhar as novas aquisições do seu novo mundo.

Assim, para reafirmar as reflexões a respeito dessa dupla vinculação de pátrias, Said, que também comunga do mesmo pensamento acerca do espaço ocupado por esse sujeito desterrado que vive em uma condição plural, nos diz que:

O exilado vê as coisas tanto em termos do que deixou para trás como em termos do que de fato acontece aqui e agora; através dessa dupla perspectiva, ele nunca vê as coisas de maneira separada ou isolada. Cada cena ou situação no novo país aproxima-se necessariamente de sua contrapartida no país de origem (SAID, 2003, p. 67).

Essa posição permite que o sujeito mantenha uma maior lucidez quando necessita dialogar ou narrar com/sobre outras culturas, pois ele mantém uma relação íntima com as contingências históricas as quais esteve inserido. Seu local plural no mundo favorece também uma versão mais crítica sobre a antiga e a nova pátria, além de um posicionamento anticonformista das duas realidades. No entanto, não se encaixa nem na figura do *outsider*, que é aquele que vive às margens de uma sociedade e constrói um estilo próprio de vida; nem do *conformista*, que está de acordo com tudo que lhe é imposto. Ele é apenas o personagem que deseja fazer de sua vida uma narrativa que sirva tanto para ele, como um exercício de reflexão sobre passado, presente e futuro; como para o outro, para que este possa encontrar um exemplo ou descortinar as entrelinhas que a história não conta/contou.

3.2 Os caminhos literários do desterro

O exílio e suas características sempre foram fontes para diversas narrativas literárias. Aquele que escreve sua experiência também se inscreve no mundo, seu e do outro, por meio da palavra, seja ela ficcional ou real. Essas páginas nos revelam diversos tipos de autores, como os que sequer viveram o desterro, mas construíram personagens exilados em narrativas singulares, com traços sentimentais, físicos e históricos do desterro; e outros que preferiram aliar suas experiências com os traços ficcionais. Para que possamos chegar até uma proposta de escritas do exílio, nos aliamos, em princípio, ao pensamento de Álvaro Manuel Machado e Daniel-Henri Pageaux (2001), que buscaram nos relatos de viagem compreender, por meio da literatura comparada, como se constitui a narrativa do homem viajante-estrangeiro, que muito se assemelha ao exilado. Para nós, o exílio, sendo essa condição singular e marcante, se aproxima do pensamento dos autores acerca do conceito de viagem, quando eles dizem que “a viagem é, simultaneamente, uma experiência humana singular, única, inconfundível para

aquele que a viveu” (MACHADO; PAGEAUX, 2001, p. 33). Embora a viagem não carregue um sentimento de total afastamento como o do exílio, para este esse pensamento também é válido, visto que o desterro tem seu início a partir de uma “expedição forçada”.

A partir dessa experiência singular em uma expedição solitária ao exílio, surgem os mais diversos escritores e escritos. O autor que narra o desterro é distinto dos demais, pois sua literatura exige que ele assuma uma posição multifacetada não só de literato, mas também de um sujeito com reflexões sociais e ontológicas, que tende a construir um discurso mais crítico sobre essa situação. Essa posição revela homens que subsistiram além dos acontecimentos e puderam/quiseram, então, ser porta-vozes de seu tempo. Portanto, nessas narrativas, o escritor-viajante-exilado é

Narrador, actor, experimentador e objeto da experiência. Ou ainda, o memorialista dos seus feitos e dos seus gestos, herói da própria história que inventa e que arranja à sua maneira, testemunha privilegiada em relação ao público sedentário e, enfim, contador para gáudio deste (MACHADO; PAGEAUX, 2001, p. 34).

Esse sujeito está disposto a organizar as lembranças, as novas informações impostas pelo desterro, a formação exterior e os sentimentos em páginas que descreveram suas experiências por meio da observação dos fatos e de sua imaginação, alternando, assim, o “eu íntimo como o espaço percorrido” (MACHADO; PAGEAUX, 2001, p. 43). Por isso, quando revisitamos algumas narrativas que relatam a experiência do exílio, principalmente as que possuem um tom autobiográfico, notamos que essas características escriturais se misturam com as de seus autores ou personagens, além das outras particularidades externas de tudo que está a sua volta e que também refletem nesse instante linguístico-literário. Essas características exprimem um tipo específico de testemunho, envolto tanto nas perspectivas históricas e circunstanciais as quais o sujeito esteve envolvido, quanto na formação e nos sentimentos que explicam, por vezes, o motivo dessa escrita. Por isso, dos romances aos diários íntimos, textos que trazem o exílio como tema, encontramos uma matéria-prima substancial que nos revela não só a aproximação da experiência em todo seu contexto social e cultural, mas também a revelação de arquivos pessoais, memorialísticos e imaginativos, de um *eu* que está disposto a fazer de suas experiências um tecido literário fecundo.

Portanto, trata-se de construir não só um texto que apresente questões físicas e geográficas, mas também que desvende construções psicológicas,

filosóficas, humanistas etc; que traduzem uma experiência pessoal que pode também ser exemplo para o outro. É por meio desses apontamentos que essa escrita torna-se, também, subjetiva, por carregar em si não apenas um percurso físico e exterior imposto ao exilado, mas também por apresentar uma viagem ao centro da descoberta de si.

Esses pensamentos nos fazem retomar a ideia proposta no início deste capítulo, a qual apontamos que o exílio é construído a partir de dois instantes: físico e íntimo. Se projetarmos essa reflexão para os moldes comparatistas da literatura, ele também encontra um campo interdisciplinar fecundo de pensamentos e análises, pois contempla reflexões de contextos e imagens sociais e culturais, principalmente, bem como da aproximação que esses temas têm com diversos gêneros textuais, em especial os autobiográficos, e da riqueza de matéria-prima literária que eles revelam.

3.2.1 Tempo de viver, tempo de narrar: os relatos autobiográficos do exílio

Quando nos empenhamos a estudar os textos que compõem o diverso campo da literatura autobiográfica, ficamos diante de um conglomerado de gêneros textuais que se revelam híbridos, por mesclarem discussões não só centradas no *eu* que escreve, que é a mais característica desse estilo de texto, mas também por apresentarem, algumas vezes, o contexto social de onde esse *eu* fala/escreve. Nesse meio literário memorialístico temos testemunho, autorretrato, autobiografia, romance autobiográfico, memórias, diários etc; onde o narrador organiza as lembranças e a vida por meio das palavras. Para eternizar-se na escrita, o autobiógrafo necessita de um contexto para existir – data, tempo, local – e de experiências singulares e formadoras. Assim nos fala Clara Rocha:

Não é qualquer homem, em qualquer momento e lugar, que escreve uma relação da sua vida. Para que isso aconteça, é necessário que ele tenha consciência da singularidade da sua existência, o que implica um certo grau de individualismo; e, por outro lado, que essa singularidade lhe pareça suficientemente exemplar para poder interessar a alguém, depois de tal acontecido com ele próprio (ROCHA, 1977, pp. 71 – 72).

O sujeito só pode falar de si a partir do momento em que tem consciência de quem ele é para si e para o mundo, por isso duas perguntas são o ponto inicial para começar a traçar seus primeiros traços autobiográficos: *Quem sou eu?* e *Quem sou eu no mundo?*. Daí, então, a autoconsciência é oferecida à reflexão sobre os dias e as experiências. Gusdorf, em *Decouvert de soi* (1948), nos diz que

A consciência de mim, esse toque furtivo, me lembra quem eu sou. Ela não me ensina o que eu sou. Continua abstrata, indiferente ao seu objeto; incapaz, enquanto a reflexão de longos tempos não aproveitar para distorcê-la, ela me informa sobre o mundo e sobre mim. O ponto final de ser onde a existência se afirma no momento original, parece estar fora do mundo e da história (GUSDORF, 1948, p.13, tradução nossa).²⁵

O caminho pela busca de si parte de uma reflexão sobre o eu, como se esse sujeito saísse de si, tornando-se um outro que está a observar-se. Porém, é necessário perceber que esse ser não está só. Gusdorf afirma que a escrita não é só o fenômeno humano de um meio de comunicação, “questiona a comunicação do ser humano com ele mesmo dentro de um espaço. A escrita é uma dimensão do mundo e do modo de ser” (GUSDORF *apud* LEÃO, 2005, p. 23, tradução nossa)²⁶. Ou seja, o mundo no qual ele está inserido também interfere na narrativa pessoal, fazendo com que o ato linguístico-literário transgrida a consciência de si e o exercício espiritual – como faziam os antepassados²⁷ –, possibilitando o relato que atrela uma história individual com uma coletiva.

Em alguns textos autobiográficos, esse mesmo narrador precisa de uma singularidade temporal para relatar suas experiências. No caso das *memórias*, o autobiógrafo necessita fazer um percurso entre viver-esquecer-lembrar os fatos. Em vista disso, o homem está diante de toda sua vida pregressa, tendo como aliado a maturidade da velhice e a consciência dos seus atos. Nesse percurso do tempo, é importante observar os artifícios da memória. Ela pode não ser fiel, portanto, pode ser imaginada a qualquer instante por seu narrador. Em alguns casos, o autor usa dos mecanismos da ficção, como relatar a vida por meio de um romance autobiográfico, para fazer uso de um véu que o possibilita contar e imaginar a vida.

Essa infidelidade é o que ainda gera muitas discussões na cena literária, pois o narrador de si pode cair em sua própria armadilha ao ter o poder de manipular o relato de sua vida. Cabe observar, também, que, nesse caso, o homem que se narra está diante de toda sua vida pregressa. Ele só poderá contar suas memórias se houver, primeiro, um exame de autoconsciência e de suas experiências e, depois,

²⁵ La conscience de moi, cette touche furtive, me rappelle que je suis. Elle ne m'apprend pas ce que je suis. Elle demeure abstraite, comme indifférente à son objet, incapable, aussi longtemps que la réflexion ne s'empare pas d'elle pour la dénaturer, de me renseigner sur le monde ou sur moi-même. Fine pointe de l'être où l'existence s'affirme à son moment originaire, elle semble se situer en dehors du monde et de l'histoire (GUSDORF, 1948, p.13).

²⁶ met em question la communication de l'être humain avec lui-même dans l'espace du dedans. L'écriture est une dimension du monde et un mode de l'être (GUSDORF, 1991, p. 40).

²⁷ As hagiografias, escritas de santos, como a *Confissões*, de Santo Agostinho, por exemplo, trazem esse homem que faz um grande exame de autoconsciência para buscar uma absolvição de Deus.

uma distância temporal entre viver-esquecer-lembrar. É por essa razão que ele fica mais propenso a manipular a narrativa por meio da imaginação ou de mentiras. Gusdorf nos diz que é nesse instante que se revelam as desvantagens desse texto, pois “após o fato, o autor das memórias sabe como vai transformar os eventos que ele narra” (1948, p. 35)²⁸.

Porém, se, por um lado, o sujeito é capaz de escolher apenas alguns eventos de sua vida e narrar; por outro, há uma singularidade no autor das memórias: ele destaca-se por constituir um ser social particular, o qual nos revela uma consciência íntima ao mesmo tempo em que traça um envolvimento histórico e social. Assim, Gusdorf nos diz que essa narrativa nos revela o

Esforço do homem que quer remontar o caminho de sua vida, para recontar a si e aos outros. Muitas vezes, no fim de sua carreira, o homem político ou o estadista, o chefe militar, o escritor, compromete-se a mostrar uma tabela dos eventos os quais ele esteve envolvido, da sua conduta, um desenho de si, uma espécie de retrato histórico cobrindo todo o desenvolvimento de sua existência (GUSDORF, 1948, p. 34, Tradução nossa).²⁹

Esse gênero e seu narrador se aproximam muito com os textos escritos como confissão e autobiografia, visto que trazem, na maioria das vezes, um sujeito maduro que está diante de toda sua vida pregressa e deseja apresentar essa trajetória ao mundo, ou pelo fato de ser narcisista, ou por se colocar como juiz de suas atitudes. Além disso, essas narrativas, por apresentarem um homem que narra toda (ou parte de) sua história de vida, possuem uma forte ligação com a formação da identidade do ser, seja ela antropológica, pedagógica, cultural, social etc.

Essas características, por exemplo, são presentes nas narrativas autobiográficas do exílio. Em algumas vezes, a dor de ter vivido essa experiência e as singularidades que o entre-lugar de formação desse sujeito revelam são matérias-primas para se contar a história de uma vida. Esse foi o caso de Miguel Torga, quando recordou sua primeira passagem pelo Brasil. No estudo exemplar sobre a obra torquiana, proposto por Clara Rocha, crítica literária e filha do autor, encontramos marcas que afirmam o pensamento teórico estilístico das memórias do autor.

²⁸ après coup, l'auteur des mémoires sait comment vont tourner les événements qu'il raconte (GUSDORF, 1948, p. 35).

²⁹ Effort de l'homme qui veut ressaisir d'ensemble le cheminement de sa vie, pour se raconter à soi-même et aux autres. Souvent vers la fin de sa carrière, l'homme politique ou l'homme d'Etat, le chef militaire, l'écrivain, entreprend de donner un tableau des événements auxquels il a été mêlé, de la conduite qu'il a tenue, dessinant de soi une sorte de portrait historique, portant sur tout le développement de son existence (GUSDORF, 1948, p. 34).

Para Rocha, *A Criação do Mundo*, antes de ser apenas uma narrativa sobre si, é um texto autobiográfico que permite uma aventura de descoberta em meio as lembranças, além de ser a possibilidade de criar um mundo próprio: “*A Criação do Mundo* é a história da construção duma personalidade, através duma série de descobertas, que se vão sucedendo ou confirmando segundo uma ‘lógica’ determinada” (ROCHA, 1977, p. 159). Nela, podemos encontrar uma descoberta do mundo progressiva, “sujeita a etapas ou ‘dias’”, além dos acontecimentos que permitem a descoberta do *eu* que viveu e narra. Ademais, a autora observa as marcas solitárias e individuais, próprias dos textos autobiográficos, que também caracterizam as páginas dessas memórias, visto que o autor constrói um centralismo para si em suas histórias. Esse isolamento, no caso do segundo dia d’*A Criação do Mundo*, dá a Torga uma posição divina e heroica: a primeira pelo fato de criar um mundo à sua medida; a segunda por ele conseguir sobreviver nele. Uma espécie de Zeus que cria seu Olimpo em seis dias.

Por outro lado, lembra Rocha (1977, p. 233), essa narrativa é afetada por outros gêneros como: relato de viagem, autobiografia, ensaio, os quais permitem pensar que ela tem também uma composição híbrida. Por isso, ficamos diante não só da história pessoal de Torga, mas daquela que o formou. Essa composição plural é uma característica muito forte nas obras autobiográficas toguianas. Em seus diários, por exemplo, esse hibridismo é da mesma forma marcante, visto que o autor reúne não só as notas dos seus dias, mas também experiências de encontros, viagens, narrativas sobre os outros e poemas.

O próprio Torga, ao escrever o prefácio à tradução francesa d’*A Criação do Mundo*, nos adverte que seu livro é composto de memórias e testemunhos, além de dizer que

Todos nós criamos o mundo à nossa medida. [...] O meu tinha de ser como é, uma torrente de emoções, volições, paixões e inteleções a correr desde a infância à velhice no chão duro de uma realidade proteica, convulsionada por guerras, catástrofes, tiranias e abominações, e também rica de mil potencialidades, que ficará na História como paradigma nefasto que a humanidade conheceu, a par do mais promissor. [...]. Por mim, fiz o que pude. Homem de palavras, testemunhei com elas a imagem demorada de uma tenaz, paciente e dolorosa construção reflexiva feita com o material cadente da própria vida” (TORGA, 1996, pp. 11-12).

Nesse “mundo criado”, ele nos fala de si, das angústias de estar exilado e da saudade da pátria natal, mas também narra sobre o outro e tudo aquilo que está a sua volta. Sobre o Brasil, em sua primeira estada, reflete por vezes, sobre a

paisagem do lugar, os moldes de trabalho da época – meados de 1920 –, a educação em que recebera, a cultura em que esteve imerso, dentre outras coisas. Nessa narrativa, parece que o menino sussurra a história do exílio, enquanto o adulto a escreve.

Na segunda passagem pelo Brasil, em 1954, narrada no sexto dia d'*A Criação do Mundo*, o autor se limita a falar sobre seus sentimentos. O tom dessa narrativa é mais comparativo. Tudo que ele observa é motivo de comparação, ou com Portugal, ou com o Brasil de menino. O envolvimento sentimental poucas vezes ganha espaço no relato. Talvez a pressa de terminar o último dia da criação do seu mundo, antes que o sétimo dia – o descanso – chegue, exija que os encontros aconteçam com mais rapidez, somente para sanar as contas com o passado.

Se as memórias exigem uma ordenação da narração das recordações, o *diário*, por outro lado, possui um compromisso maior com o calendário. A proposta dessa narrativa é “aprisionar o tempo” para que ele não seja esquecido, ou seja, não há uma distância entre o “tempo do acontecimento” e o “tempo da escrita”, tudo acontece no mesmo instante. Por um lado, ele tem uma forte ligação com o testemunho, pois apresenta um homem que está mais próximo de um fato e, por isso, pode tornar-se uma fonte de confirmação; por outro, com as grandes narrativas de viagem, que traziam como conteúdo muito mais sobre as experiências, os cenários em que elas eram vividas, do que a respeito do seu viajante.

Com o passar do tempo, os diários tornaram-se um gênero por excelência mais íntimo, pessoal, acessível a todos, do adolescente ao homem mais maduro; próprio daqueles que desejavam deixar gravado o tempo presente. A partir disso, percebemos que essa narrativa nos revela um eu que tem necessidade de fixar os acontecimentos cotidianos de sua vida, a fim de ser um homem que narra o seu tempo. Sua singularidade é a possibilidade de falar sobre si sem precisar vincular-se constantemente ao exercício de lembrar o passado. Gusdorf nos diz que esse subgênero

Expressa o homem ao longo de toda sua vida, como dentro das memórias, mas sem o mesmo valor retroativo e sem a ilusão da coerência, já que ele não é o homem de toda sua vida, mas de cada dia, de cada momento. A preocupação de uma reconstrução não exprime nada aqui. A vida pessoal pode se manifestar com toda liberdade (1948, p. 39, tradução nossa)³⁰.

³⁰ exprime l'homme au long de toute sa vie, comme dans les mémoires, mais sans la même valeur rétroactive et sans l'illusion de cohérence, puisqu'il ne s'agit pas de l'homme de toute la vie, mais de

A escrita diarística é justamente um meio de conservação da memória, pela dupla possibilidade de vivência da experiência: presenciar o fato e tomar notas sobre ele para que depois possa lembrá-lo. Blanchot, em meio as suas críticas sobre o diário, faz um comentário pertinente acerca desse texto, que nos levou a pensar nessa duplicidade de vivência:

Escrever cada dia, sob a garantia desse dia e para lembrá-lo a si mesmo, é uma maneira cômoda de escapar do silêncio. Cada dia nos diz alguma coisa. Cada dia anotado é um dia preservado. Dupla e vantajosa operação. Assim, vivemos duas vezes. Assim, protegemo-nos do esquecimento e do desespero de não ter nada a dizer (BLANCHOT, 2013, p. 273).

Esse tipo de relato nos revela uma preservação maior de uma narrativa espontânea sobre um determinado fato, além de deixar os sentimentos que o envolve mais explícitos. Isso nos leva a pensar também em seu movimento catártico, pois, enquanto os outros textos memorialísticos insistem em narrar um mundo interior e exterior, tomar notas dos dias requer um movimento mais solitário, um caminho que vai de si para si, como uma forma de tentar uma libertação, uma busca por refúgio. Nessa condição, o autor é leitor da sua vida e das palavras.

Portanto, o diarista, ao tomar notas de sua vida, está disposto a traçar alguns caminhos como: conservar a memória, demarcando espaço e o tempo em suas notas; conhecer a si mesmo, ou seja, projetar-se na escrita para, depois, fazer uma leitura de si; pensar, que também podemos elencar como ter uma conversa consigo, relatando o íntimo e o exterior; e abrir-se totalmente ao mundo. Nesse gênero, a identidade daquele que escreve não está ameaçada pela incerteza, pois o sujeito que toma nota dos dias já está disposto a desvendar toda sua intimidade, até os pormenores que a congregam.

No caso de Miguel Torga, que teve uma produção autobiográfica exemplar, o diário, por sua proximidade com o fato, apresenta-se, muitas vezes, como uma narrativa de autenticidade para o que foi narrado em suas memórias. Além disso, ele é um gênero híbrido não só por reunir vida pessoal com acontecimentos externos a ele, mas também por ser intercalado por poemas que, por vezes, se ligam àquilo que foi relatado.

Por isso, os “pergaminhos” de Torga, como carinhosamente são chamados seus diários, adquire uma dimensão muito rica, no que diz respeito à

celui de chaque jour, de chaque moment. La préoccupation d'une reconstitution d'ensemble n'a rien à faire ici. La vie personnelle peut se manifester en toute liberté (GUSDORF, 1948, p. 39).

produção autobiográfica, devido a posição pessoal, poética, histórica e social de sua escrita:

Itinerário pessoal, é certo, mas que integra no movimento do tempo, desposando-o, procurando compreendê-lo e ultrapassá-lo, pois olhar-se é também olhar os outros. Nessa perspectiva, considero o *Diário* o centro de gravidade da sua obra. Companheiro insubstituível que ilustra e torna visível todo o resto, como um feixe de luz que ilumina, uma a uma, as partes diferentes de um mesmo todo (MATHIAS, 2009, p. 267, grifo do autor).

Além disso, afirma Mathias (2009, p. 268), nos diários de Torga ficamos frente a todas as idades de sua vida, ou seja, “vida-escrita e vida-vivida, existências plurais e paralelas que se confundem numa só trajetória”, o que configura a sua “maneira de estar no mundo e de ser do mundo, de o possuir e, ao mesmo tempo, de lhe pertencer”. Essa composição de sessenta anos³¹ proporciona uma leitura não só desse eu, mas também da sua criação poética e social.

Isabel Leão (2005), quando apresenta diversos temas que povoam os diários de Torga, em especial Medicina, Literatura e Política, resgata, justamente, essa composição pessoal e social torguiana. A autora nos revela que essas narrativas fragmentadas do autor português não preveem só um isolamento ou uma confiança com seu interlocutor, o que é uma grande característica do gênero em questão, mas sim uma “capitalização de vivências, um exercício intelectual, um armazém epistolográfico e poético” (LEÃO, 2005, p. 38). Como já afirmamos, é justamente um misto da composição do *ser* íntimo e poético.

Em meio a diversos temas que compõem essa produção de Torga, tais como: amor, natureza, religiosidade, sociedade, sexualidade, morte, viagem, medicina, literatura, política etc; o cenário brasileiro, com todas as riquezas apresentadas pelo escritor, aparece, ao lado de outros países, como um apelo interior da materialidade de um lugar e da voz interior que o observa.

Quando fala sobre o Brasil, outros tons ganham as páginas: a melancolia e a nostalgia. Em especial no *Diário VII* (1957), que foi escrito durante sua segunda viagem brasileira, Torga integra a memória com o presente, quando ele, diante da paisagem que narra e observa, reflete e recorda aqueles lugares que foram de sua formação: Portugal e Brasil, a serra e o mar. Além disso, os passos da infância vão

³¹ Miguel Toga começa a escrever seus diários em 3 de janeiro de 1932 e termina em 10 de dezembro de 1993.

surgindo, na medida em que o diarista se aproxima com os cenários de seu passado.

Nesse caso, a natureza vai além da demarcação da sua atual posição geográfica (o mar, o cais, as árvores da fazenda, os muros do colégio), tem-se nela um forte apelo telúrico, que, ao olhá-la, reativa as lembranças e essas passam a ser também um espaço de recordação e inspiração para suas narrativas.

3.2.2 O espaço autobiográfico do exílio de Miguel Torga

Quando colocamos lado a lado as narrativas torguianas de memórias e as dos diários, percebemos que há diversas características que se divergem, desde o narrador à construção estilística do texto. Diante dessas diferenças surgiu uma pergunta bem pertinente: Por que, então, tratar essas narrativas como sendo relatos de um exílio? A resposta parte do entendimento da construção do espaço autobiográfico proposto a partir da literatura de Torga.

A constituição desse espaço começa a partir de algumas situações duvidosas. A primeira delas é a de desvendar a identidade daquele que escreve. Philippe Lejeune, quando propôs teorias acerca do “pacto autobiográfico”, argumentou diversas formas de haver uma combinação de identidade entre autor-narrador-personagem. Nesse pacto, a identificação da semelhança e da autenticidade daquele que escreve com a aquele que protagoniza a história é feita a partir:

- a) uso dos *títulos* que não deixem pairar nenhuma dúvida quanto ao fato de que a primeira pessoa remete ao nome do autor (*História da minha vida, Autobiografia* etc).
- b) *seção inicial* do texto onde o narrador assume um compromisso junto ao leitor, comportando-se como se fosse autor, de tal forma que o leitor não tenha nenhuma dúvida quanto ao fato de que o “eu” remete ao nome escrito na capa do livro, embora o nome não seja repetido no texto (LEJEUNE, 2014, pp. 31-32, grifos do autor).

Nota-se, então, que é necessário um esforço do leitor para identificar quem está por trás da autoria e/ou da personificação dessa narrativa, o que acontece também nos outros dois pactos derivam desse primeiro: o romanesco, que possui um “atestado de ficcionalidade” (LEJEUNE, 2014, p. 33); e o zero, onde “o leitor constata a identidade autor-narrador-personagem, embora esta não seja objeto de nenhuma declaração solene” (LEJEUNE, 2014, p. 35).

Em Miguel Torga, a identificação da autenticidade dessa relação identitária gerou algumas dúvidas, principalmente no segundo dia *d'A Criação do Mundo*, que é nosso principal objeto de estudo. Clara Rocha nos prende a uma dúvida e questão importantíssima sobre a legitimidade do narrador desse relato. A pesquisadora diz que na primeira edição da obra, em 1937, Torga, como o próprio poeta fingidor, dá ao protagonista de suas memórias o nome de “Mário”, que aparece durante toda a narrativa, assim como é descrita: “Numa madrugada de outubro, meu pai acordou-me: – Mário, são horas. – Senhor? – Vem a romper o dia, ergue-te!” (TORGA, 1937, p. 59 *apud* ROCHA, 1977, p. 258, grifo nosso). Já na edição de 1969, usada em nossos estudos, o mesmo protagonista se confunde com o narrador, Miguel Torga, e não apresenta nome, apenas o sujeito *eu*. A mesma passagem de 1937, quando revista na edição de 1969, aparece assim: “Numa madrugada de outubro, meu pai *acordou-me*. – Filho, ergue-te, que já são horas. Já vem a romper o dia” (TORGA, 1969, p. 104, grifo nosso). Diante dessa armadilha poética de Torga, Clara Rocha se questiona de ser esse texto um romance autobiográfico, com uma identidade pertencente ao pacto romanesco; ou uma autobiografia/memórias, que possuem características do pacto autobiográfico e/ou zero; ou se podemos dar a cada um uma sentença desse ou daquele gênero textual:

O que acima ficou dito leva-nos a crer que nas primeiras edições da *Criação do mundo* o autor celebra com o leitor um pacto romanesco: o *eu*, vinculado a uma referência nominal, possui um nome diverso do autor [...]. Um tão marcado hiato qualitativo entra a primeira e a última versões – que consiste na transformação de um *eu* referenciado por um nome fictício num *eu* sem referência [...] conduz-nos necessariamente a levantar a questão da legitimidade e do significado das alterações de fundo e das refundições numa narrativa autobiográfica (ROCHA, 1977, pp. 259-260, grifos da autora).

Porém, o que não ficou dito foi que entre a primeira e a última edição dos primeiros dias de *A Criação do Mundo*, há notas dos dias de Miguel Torga em seu *Diário VII*, no qual ele narra seu retorno ao Brasil e onde descreve e relembra as experiências que outrora foram contadas como autobiografia, constituído, assim, um espaço autobiográfico. Por outro lado, é importante deixar claro que alguns pontos intensificam a identidade do autor e do personagem como sendo a mesma, são elas: o nome da capa e a constante utilização de pronomes e verbos na primeira pessoa do singular, aproximando-se, então, ao pacto autobiográfico e o zero.

Entretanto, sempre haverá questionamentos sobre a autenticidade dos textos autobiográficos em geral, em especial sobre a identidade de autor-narrador-

personagem, porém, não nos cabe findar essas dúvidas, visto que o que mais nos interessa é o conteúdo, como um todo, que constituem esses relatos.

Visto isso, para entender a ligação que há entre as narrativas pessoais torquianas e o exílio, necessitamos investigar a construção desse espaço autobiográfico, que é constituído a partir do conjunto dessa produção literária, como também dos temas e da imagem de si projetadas nesses relatos. Pensamos juntos com Lejeune (2014, p. 50, grifo do autor), quando ele nos diz que, nessa situação, somos convidados, então, a ler não apenas uma narrativa que se “remete a uma verdade da natureza humana”, mas, sim, a entender as diversas vozes que povoam esses relatos e “os *fantasmas* reveladores de um indivíduo”. Clara Rocha, que também estudou esse conceito a partir do pensamento de Lejeune, nos diz que

A produção duma *imagem de si* obedece frequentemente a uma estratégia que visa constituir a personalidade através dos mais diversos jogos de escrita. Quando este jogo de textos compreende *também* uma narrativa autobiográfica propriamente dita, isto é, uma narrativa retrospectiva da gênese da personalidade assumida pelo autor, ele constitui aquilo que Lejeune designa pela expressão *espaço autobiográfico*. Este “espaço” faz convergir na definição da imagem do autor as várias formas de literatura íntima por ele cultivadas (ROCHA, 1977, p. 114, grifos da autora).

Se enxergarmos a produção literária de um autor, sendo ela autobiográfica ou tendo partes de ficção, como é o caso do romance autobiográfico, encontramos um espaço construído não apenas com uma ou duas informações da constituição daquele sujeito, mas com informações que abarquem boa parte de sua formação. É como se esse espaço autobiográfico fosse o tecido vital da literatura. No caso de Miguel Torga, é fácil formular como se dá essa demarcação, visto que ele passou mais de sessenta anos dedicando-se às memórias e aos diários.

Quando demarcamos ainda mais esse território e encontramos sua experiência do exílio, que traz o Brasil como cenário, encontramos, nas memórias narradas nos primeiros dias d’*A Criação do Mundo*, temas externos ao indivíduo, como: contexto histórico no qual ele viveu o desterro, a emigração de Portugal para o Brasil, o entre-lugar do pertencimento à nova pátria, os novos moldes de vida que ele estava sujeito a enfrentar (os duros dias de trabalho, por exemplo), a inserção em um mundo escolar e cultural totalmente diferente do que ele estava habituado. Como também, os temas internos próprios de um sujeito exilado: a posição de observador do lugar estrangeiro; a proximidade com os sentimentos de angústia, solidão e esperança, por vezes, apresentadas no texto; e a instabilidade emocional

causada pelo encontro com um novo *outro*, no caso as novas relações familiares que serão (des)construídas no exílio.

Por outro lado, as notas do *Diário VII* e as memórias do sexto dia d'*A Criação do Mundo* asseguram esse espaço autobiográfico apresentado na primeira narrativa, como se fossem uma confirmação da experiência física e sentimental vivida no exílio. A diferença destas para aquela narrativa é justamente a distância temporal e o amadurecimento da imagem de si. No diário e no sexto dia quem toma as rédeas das prosas é o homem próximo da velhice que quer sanar as contas com o passado. Dessa vez, as lembranças, os sentimentos e os encontros têm uma visão plural de um observador que evoca e compara sempre as imagens do passado, bem como as novas surpresas do presente.

Percebemos, então, que há uma ligação com as características próprias do exílio e do sujeito exilado, que foram apresentadas ao longo deste capítulo, com as particularidades presentes nos relatos pessoais de Miguel Torga. Portanto, é pertinente confrontar e aproximar esses textos, visto que ambos, por vezes, se completam e congregam uma unidade na construção desse desterro. Então, para investigar de forma mais aprofundada a constituição desse espaço autobiográfico, no capítulo seguinte, analisaremos os pontos abordados aqui e que, juntos, tecem essas narrativas autobiográficas do exílio.

4 O EXÍLIO NAS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE MIGUEL TORGA

“O Brasil tatuara-se realmente na minha alma
como uma tinta indelével. A longa ausência não
lhe desbotara sequer o brilho original.”
(Miguel Torga)

Resgatar a literatura de Miguel Torga sobre o Brasil é fazer um percurso não só pela vida do autor, visto sua experiência singular em terras brasileiras, mas também é desvendar diversas imagens simbólicas da emigração e do exílio de muitos portugueses. Na leitura de seus relatos autobiográficos encontramos alguns temas particulares sobre a condição do desterro, que vão desde a viagem, o pertencimento em terra estrangeira, os novos hábitos e vínculos até a possibilidade de um retorno à terra natal. Enquanto escreve sobre si, Torga desvenda também esse caminho estreito vivido por muitos compatriotas.

Antes de pensar como se constitui o exílio na literatura torguiana, é necessário pontuar alguns contextos que impulsionaram as emigrações em Portugal no início do século XX. Em 1920, Portugal vivia as consequências de uma transição política, com a ruptura da Monarquia e a instauração da República. Em meio a uma situação político-econômica instável e às dificuldades vividas pelos mais pobres, diversos lusitanos decidiram abandonar o país por não concordar com a nova ideologia e/ou para tentar conquistar uma vida melhor, fazendo crescer o índice de emigrações³² portuguesas durante esse período. Eduardo Lourenço aponta que

A segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX são a idade do ouro – se assim pode dizer-se – da emigração, aquela sobre a qual se constroem grandes nações do futuro, sobretudo a América (LOURENÇO, 2004, p. 49).

As principais rotas de fuga eram Estados Unidos, onde puderam criar uma comunidade portuguesa na cidade de New Bedford; e Brasil, onde viram a imagem do colonizador português ser substituída pela do subalterno. Essa última, a relação entre portugueses e brasileiros, foi construída há séculos. No início, partiu de uma emigração com o intuito de posse; em outro período, como diz Lourenço (2004, p. 47), uma “emigração feliz”, pois partia para ficar; por último, um fluxo migratório “doloroso e melancólico, sempre na esperança do regresso”. Assim, a

³² O documentário *Ei-los que partem: a história da emigração portuguesa* (2006) traz valorosas contribuições para descobrir quem foram os primeiros emigrantes portugueses e quais os destinos e motivações que escolheram nesse período.

imagem do emigrante português resume-se em colonizador, torna-viagem e subalterno, com algumas diferenças de século.

Quando atravessavam o Atlântico e desembarcavam no Brasil, as rotas da emigração continuavam a mesma, de Portugal ao Rio de Janeiro, capital da República e onde ainda haviam resquícios culturais e arquitetônicos da família real portuguesa, porém, de lá, os destinos eram as fazendas no interior de Minas Gerais e/ou os seringais amazônicos:

A grande vaga migratória do fim do século passado [XX] e do princípio do nosso século [XXI] dá o último retoque à imagem do emigrante europeu. É aquele que parte de sua casa para ir trabalhar onde muitas vezes tinha sido senhor (LOURENÇO, 2004, p. 49).

Miguel Torga encontra-se, justamente, nessa vaga e participa da transição da imagem de emigrante, entre torna-viagem e subalterno. A emigração brasileira, que aparece no relato autobiográfico de *A Criação do Mundo*: os dois primeiros dias, já era um tema familiar, com duas histórias distintas: o irmão partiu para o Brasil e nunca mais deu notícias; e o tio paterno estabeleceu-se com a família no interior de Minas Gerais, onde construiu uma fazenda de cultivo de café e vivia bem, na medida do possível. Quando escreve sobre sua partida para o Brasil, o escritor português recorda que

Propôs mandarem-me para o Brasil, a sua ideia de sempre. As coisas pioravam hora a hora, o ano fora o que se sabia, e meu tio, quando em tempos lhe escrevera a apalpar o terreno, respondera que quem fazia os filhos tomasse conta deles. Além disso, o governo cada vez dificultava mais a emigração. Mas, com posses ou sem posses, com tio ou sem tio, com papeis legais ou falsos, estava disposto a tirar-me dali (TORGA, 1969, p. 102).

Assim como muitos emigrantes portugueses, sua chegada ao Brasil é pela Baía de Guanabara, Rio de Janeiro, de onde parte para o interior de Minas Gerais. As primeiras feições relatadas por Torga, recorda-nos as imagens dos navios negreiros atracando nos portos, quando ele nos diz que: “vinha pior que um selvagem. Não sabia falar, não sabia andar, não sabia nada” (TORGA, 1969, p. 115). Ao lado do tio, tido por ele como um “estranho” e seu “dono” (TORGA, 1969, p. 115-116), ao mesmo tempo, parte para a fazenda, onde tem início a saga do seu exílio.

4.1 Cais de angústia: o desterro brasileiro

O exílio é uma condição de incertezas. Não se sabe o que irá encontrar pelo meio do caminho ou quando se chega ao local de destino. A única certeza de um exilado são as lembranças que ele leva de tudo que ficou para trás e as pequenas recordações que se carrega na mala. N'A *Criação do Mundo*, essa primeira simbologia do desterro vem acompanhada do relato de embarque. Um trecho da narrativa demonstra ser o ponto inicial das incertezas próprias do desenraizamento, quando o escritor revela que “Até ali conhecia eu o mundo. E não era bom. Seria o resto melhor?” (TORGA, 1969, p. 106). A dúvida da partida revela, então, o medo da viagem e de perder o seu lugar no mundo:

la despachado para o desconhecido, e nada podia fazer. Montes, veigas, rios, casas e pessoas em que punha os olhos, desapareciam quase instantaneamente. *Era como se Portugal fugisse de mim, e eu dele* (TORGA, 1969, p. 107, grifo nosso).

No desterro, a viagem assume algumas condições particulares, como o primeiro rompimento imposto e o nascimento de um *ser* que agora vive lembrando o passado em um presente, além de tentar enxergar um futuro incerto. É como se, desse momento, surgisse um outro ser, diferente daquele que ficou na terra natal, conhecido pelos amigos e pela família. Isso se dá justamente pela quebra dos hábitos do dia a dia, que assumem um lugar seguro na memória. Com base nessa ideia, selecionamos um trecho da pesquisadora Ana Pizarro, no qual ela diz que

No exílio [...] viagem implica, desde o princípio, uma quebra. Esta se torna dilacerada pela imposição de um poder que faz da viagem um destino inevitável, uma aventura marcada por um começo de fatalidade, um nascimento não desejado. Um nascimento, além de não desejado, incerto, para o qual não sabemos se estamos preparados e, de fato, saímos dele vacilantes, com as pernas tremendo, tentando tocar na escuridão. É que estamos realizando uma viagem sem disposição para ela, sem abertura para a positividade do estremecimento, sem aceitação de sua condição (PIZARRO, 2004, p. 84)³³.

Por outro lado, enquanto a viagem é o momento movedição dessa situação, as recordações do passado, físicas ou sentimentais, é o que, algumas

³³ En el exilio [...] viaje implica desde el comienzo un quiebre. Éste se vuelve desgarrado por la imposición de un poder que hace del viaje un destino irremisible, una aventura signada por un comienzo de fatalidad, un nacimiento no deseado. Un nacimiento así mismo no deseado, incierto, para el cual no sabemos si estamos preparados y de hecho salimos de él vacilantes, con las piernas temblando, intentando palpar en la oscuridad. Es que estamos realizando un viaje sin disposición para él, sin apertura a lo positivo del estremecimiento, sin aceptación de su condición (PIZARRO, 2004, p. 84, tradução nossa).

vezes, dá impulso para esse sujeito exilado seguir seu itinerário. Para Torga, em seu relato, levar algumas lembranças da cidade natal para os parentes brasileiros é a possibilidade de carregar as recordações do primeiro lar e fazer com que a viagem e, conseqüentemente, o exílio seja um terreno mais familiar:

Levava uma mala abarrotada. Quatro lençóis de pano cru, [...], seis garrafas de Roncão velho e uma dúzia de salpicões. [...]. A simples certeza de que todas aquelas preciosidades me acompanhavam, era um conforto. Tinha impressão de que Agarez ia logo ali (TORGA, 1969, p. 106).

Porém, mas adiante, quando relata sua recepção no Brasil, recorda que:

[...] fui abrir a mala, e entreguei os presentes que trazia.
 – Roncão de cem anos! – esclareci, na convicção de que não havia credencial maior no mundo.
 Mas antes ficasse calado. Até meu tio parecia que nunca ouvira falar no Roncão. Ninguém ligou importância, nem às garrafas, nem ao resto. E tirei, desapontado, a conclusão de que só duas coisas devia recordar sempre daquele encontro: as sinalefas de minha tia à neta e a desconsideração com minha Mãe (TORGA, 1969, p. 119-120).

Essa quebra de expectativas é de ordem fundamental para saber identificar essa condição como de fenda ou corte com o que ficou para trás. O desterro tem início a partir da consciência disso. Se não é possível para o sujeito desenraizado organizar um pouco do seu lar como sendo aquele em que ele se sente parte fundamental, é necessário, então, (re)aprender a viver no desconhecido. Partindo dessas primeiras questões, é importante observar uma a ruptura dessas perspectivas sobre a emigração e os novos arranjos geográficos impostos pelo exílio. Assim como Eduardo Lourenço (2004, p. 44), quando pensamos no ato de migrar, entendemos que “alguma coisa melhor que se deixa nos espera para nos dar a oportunidade de mudarmos de estado ou funções”. Por outro lado, no desterro essa mudança de “estado” ou “funções” é o que mais assusta.

Quando o Brasil começa a aparecer no segundo dia d’*A Criação do Mundo*, em princípio, notamos que não há essa perspectiva positiva da migração, visto as condições de sua partida, bem como a indiferença de sair de uma cidade interiorana de Portugal, para viver em uma mesma cidade campestre, no interior de Minas Gerais. Mesmo com essa aproximação paisagística, as diferenças entre os lugares, inicialmente, tornam-se evidente: “subi para um carrão puxado por parelhas infinitas de bois, que se pôs morosamente em andamento, e *nem sequer chiava como os de Agarez*” (TORGA, 1969, p. 117, grifo nosso). Mais adiante, quando o tio

vai mostrar-lhe a fazenda, outro trecho desse relato nos chama atenção para as diferenças entre os lugares:

Nada do que aprendera em Agarez servia ali. Nem os ninhos eram iguais. Alguns, suspensos em árvores, pareciam lampiões pendurados. Os pássaros cantavam doutra maneira, os frutos tinham outro gosto (TORGA, 1969, p. 121, grifo nosso).

Essas duas passagens levam-nos a pensar em uma das principais características do exílio, o entre-lugar do pertencimento. Embora haja um lugar parecido paisagisticamente com o de sua terra natal, “nada ali era igual ao que já conhecia” (TORGA, 1969, p. 125). A paisagem, portanto, somente se torna significativa quando relacionada a um sujeito, a uma experiência, a uma percepção e a um sentimento. A relação estabelecida com o Brasil acaba encontrando uma espacialidade que está distante das marcações habituais. Enquanto que em Agarez o “sol parecia rir-se no céu” (TORGA, 1969, p. 19); em Minas, em um primeiro momento, esse novo lugar a ser habitado é visto como noturno, angustiante, dramático.

A noite, cada vez mais negra, apagava na alma toda a esperança. E comecei a chorar, de angústia e de medo. Angústia de me ver sozinho no mundo; medo daquele Brasil assim noturno, abafadiço, irreal, com pios medonhos, sem qualquer luz a acenar de longe (TORGA, 1969, p. 117, grifos nossos).

Quando a visão clareia, o Brasil que transformaria a vida e traria riquezas não era aquele dos emigrantes portugueses de outrora, que desembarcavam nos centros das grandes cidades e construía seus comércios, mas, sim, o que ainda vivia do cultivo familiar, das luzes fracas das lamparinas, dos cafezais com trabalhadores negros. Além disso, não era ele o novo conquistador dessa terra, era simplesmente mais um trabalhador.

A avaliar pelo que via, o Brasil, o Brasil que ia me enriquecer como a toda a gente, era uma casa enorme suspensa numa lomba por meia dúzia de esteios de madeira, celeiros e cocheira ao lado, um terreiro enorme em frente, moinho, chiqueiro e vacaria em baixo, ao pé do ribeiro, laranjeiras carregadas no pomar, à direita, e arvoredos cerrados a toda volta. Mas a visão alargou-se, pouco depois. Havia ainda quilómetros e quilómetros de cafezais, encostas plantadas de cana de açúcar, várzeas cobertas de arrozais, extensões enormes de mata virgem (porque o que eu vira eram simples capoeirões), montes cobertos de capim, onde pastavam grandes manadas de gado, o engenho, a usina, o alambique, um rio do tamanho do Corgo – e pretos e pretas a torto e a direito (TORGA, 1969, pp. 120-121).

Em outra passagem, fica claro que esse mesmo cenário reservava dias e noites de muito trabalho. As obrigações apresentadas iam desde cuidar de porcos, vender mantimentos, limpar o terreno, buscar o correio até a escrita da fazenda. Por isso, o português narra que era sempre o último a deitar e o primeiro a acordar (TORGA, 1969, p. 132). Esses mesmo serviços se assemelhavam com os que fazia em Portugal, com a diferença que lá a prioridade era os estudos.

Em Lamengo, ao menos, sempre aprendia coisas que me interessavam. Ali, nem de um segundo dispunha para outras preocupações que não fossem as do serviço cotidiano. Ninguém queria saber dos meus íntimos desejos e aspirações. [...]. Era uma simples máquina de trabalho (TORGA, 1969, p. 167).

Mesmo tendo uma proximidade espacial com a sua terra natal (família, campo, animais, trabalhos na terra etc.), o narrador não reconhece sua intimidade naquele novo lugar, visto que, embora tenham o mesmo nome, essas configurações pouco se assemelham com tudo a que ele estava habituado. Quando relata esse novo espaço, ele pontua bem que estava “inseguro num terreno assim movediço, que nunca esperara pisar (TORGA, 1969, p. 124). Assim como todo exilado, seu código social ainda está fortemente ligado a sua primeira filiação, e tudo lhe causa estranhamento. Até mesmo o novo cenário, que relembra o de sua terra natal, não é totalmente seguro e habitável. Essa posição demonstra uma relação com as reflexões sobre o estado intermediário em que o exílio se situa, desenvolvidas no capítulo anterior.

Tendo como base, então, essa aproximação íntima, entre o lugar natal e a nova terra, cabe pontuar brevemente uma reflexão que nos auxilia a pensar sobre a relação do homem com o espaço e o lugar, que partem do conceito da Geografia Humanística. O estudo recupera conceitos que abordam uma dimensão afetiva e existencial geograficamente, em que o sujeito tem papel importante. A partir da noção de “experiências íntimas”, a Geografia Humanística desvincula-se dos grandes espaços e estuda “lugaridades” que seriam significantes pelas experiências que nelas foram vivenciadas: “Os lugares íntimos são tantos quanto as ocasiões em que as pessoas verdadeiramente estabelecem contato” (TUAN, 1983, p. 156). Na perspectiva torguiana, esse espaço íntimo ainda está totalmente ligado a sua terra natal, onde mantém uma relação mais afetiva. O Brasil, até então, não possui um vínculo pessoal, mas, sim, uma noção de afastamento de tudo o que ele já estava habituado. Somente a partir do distanciamento e, logo depois, do reencontro com

essa terra é que essa geografia receberá, então, uma aproximação pessoal, íntima, significativa nos relatos.

Outros trechos da narrativa nos levam a pensar em feridas impostas pelo exílio. Além do cenário da fazenda, o contexto familiar que o narrador encontra no Brasil também é responsável por abalar o pertencimento a essa nova terra. Embora o exílio seja mais caracterizado por sua ruptura geográfica, no caso da narrativa de Torga esse rompimento ganha um ar mais sentimental, embora rígido, quando ele apresenta o novo molde parental a qual está envolvido. Por ser um ambiente familiar, espera-se que seja um local acolhedor, como em Portugal, onde fosse possível, realmente, manter um laço fraterno. Porém, ele demonstra ser completamente diferente. No relato, fica claro que esses elos rompiam, em partes, tudo aquilo que ele entendia por família, ou “seria realmente família?” (TORGA, 1969, p. 118).

No Brasil, a relação com o tio paterno e a tia, que também era sua prima, é apresentada na narrativa como de patrões e subalterno. Sobre o tio, ele relata: “Meu tio, porém, exigia o máximo de cada um, e de mim a medida acogulada. Às vezes, com os outros, lá transigia. Comigo não havia contemplos” (TORGA, 1969, p. 132). Quando narra sobre a tia, recorda:

Desde a primeira hora que pressentira nela um inimigo. O tempo foi confirmando o aviso. [...]. Dava voltas à imaginação a ver se tornava negativo o que de positivo havia em mim. O seu regalo era no fim do dia desenrolar diante do meu tio o sudário das minhas faltas, verdadeiras e inventadas. E, apesar do esforço que me custava passar abruptamente da antiga vida àquela penitência, desenterrava da vontade e do corpo quantas energias tinha, a dar conta do recado o melhor que podia, por brio natural e reação ao ódio dela (TORGA, 1969, pp. 133-134).

O narrador encontra-se dentro de uma guerra íntima e familiar. A tia via nele uma ameaça constante à herança dos seus filhos, o tio somente o enxergava como mais um de seus empregados. O vínculo parental era completamente diferente com o que estava habituado. Enquanto em Portugal a figura da mãe é apresentada como “doce e aliciante” (TORGA, 1969, p. 58), no Brasil, a figura materna, no caso a tia, é destacada como “sem nenhuma grandeza de alma, passava os dias a architectar intrigas e mesquinhices, em que a vítima era sempre eu” (TORGA, 1969, p. 138).

No exílio, mesmo que não haja uma morada segura para o desterrado, o outro com quem ele tem contato pode tornar-se seu lugar seguro. Ou seja, ele pode

encontrar na imagem de quem está a sua volta, na criação dos laços feitos ao longo de sua condição de desterro, um pertencimento simbólico que ultrapassa as fronteiras geográficas da pátria. Porém, n’*A Criação do Mundo*, muito mais difícil que o exílio geográfico, que demarca seu novo território de vida, é o exílio sentimental que cerca o seio familiar. No caso apresentado no relato de Torga, o *outro*, figurados, principalmente, pelos tios, não geram conforto, mas, sim, ameaça. Por isso, os elos fraternais que mais povoam a narrativa vêm acompanhados por palavras de cunho negativo: “ódio”, “inimigo”, “exigências”, “humilhação”. Selecionamos o seguinte trecho em que há a confirmação desse pensamento, quando ele relata que mesmo com o passar dos anos, nada mudara:

Começava a ficar homem. No meio daquela pujança tropical, crescia também. Mas enquanto que o corpo se desenvolvia em tamanho – todos os dias tinha a impressão de não caber na roupa –, a alma apenas medrava de amargura. Amargura de me sentir injustamente odiado pela tia, de ser como um estranho para meu tio, de viver aperreado no seio da liberdade (TORGA, 1969, p. 145).

A partir disso, pode-se notar que essa é uma posição de uma “liberdade sem algemas”, que caracteriza também um não pertencimento singular do desterro. As figuras do tio e da tia colocam em questão suas visões sobre família, como foi questionado durante o primeiro encontro entre eles, indicado mais acima. Com isso, entra em questão um pensamento de que o exílio, muito mais que a perda geográfica, é caracterizado, por vezes, pela ferida sentimental. No desterro não se perde *um lar*, mas, sim, *o lar*. James Wood (2017, p. 99), que também viveu as amarguras do desenraizamento, caracteriza esse lugar de uma forma específica, íntima, ou seja, “o lar se expande como sentimento porque desapareceu como realidade possível”.

Como vimos no capítulo anterior, a distância do primeiro lar configura a mais severa das restrições do exílio, pois distancia o exilado tanto do contexto físico no qual ele esteve envolvido, quanto dos sentimentais. São essas razões que nos levam a pensar no desterro como uma condição física e íntima. No caso de Torga, esses temas se apresentam na narrativa da seguinte forma: o exílio em vias geográficas, como a viagem, a chegada ao Brasil e os dias na fazenda; por outro lado, o desenraizamento a partir da relação familiar, que traduz um distanciamento e um rompimento mais íntimo e sentimental.

Essas questões, tanto a territorial quanto a familiar, que nos levam a pensar no entre-lugar do exílio de Torga, se aliam ao nosso pensamento teórico acerca das características singulares dessa condição. Até aqui, *A Criação do Mundo*, especialmente o segundo dia, reflete que, embora o sujeito esteja imerso em uma geografia parecida com a de sua pátria natal, há diversas questões que insistem em recordá-lo que ali não é seu lugar. No caso do português, fica evidente que o seio familiar é esse aviso da memória, que faz o possível para lembrá-lo a todo instante a sua posição de desenraizamento.

Em contrapartida a essa imagem de desterro, para que o exilado consiga viver além do seu estado intermediário de pertencimento a uma terra, é necessário que ele busque nas novas configurações, as quais ele está imposto, saídas para reorganizar seu estar no mundo. Em Torga, esse instante se dá quando ele apresenta a disponibilidade de poder desbravar seu lugar de desenraizamento: “só longe do terreiro, a laçar um cavalo indomável, a ver lutar toiros, ou a colaborar numa ferra tinha a *sensação de respirar limpa e livremente a vida*” (TORGA, 1969, p. 139, grifo nosso). Nota-se que, embora a fazenda não lhe oferecesse um terreno propício para se sentir “totalmente em casa”, os arredores, ou o que havia depois da cancela de entrada, davam margens para que ele construísse o seu lugar no Brasil.

Curioso de tudo e sensível à qualidade de cada coisa, fora dessas horas infelizes considerava aquele Brasil um deslumbramento. Era um tatu que à minha vista fez um buraco com as patas, e se enterrou no seio da terra num abrir e fechar de olhos; era pacas bonitas e rápidas a atravessar as veredas como relâmpago; eram tocanos de bico assombrosos; eram formigueiros gigantescos, que pareciam talefes. Era uma terra nova nuns olhos novos. *Quando a cancela do terreiro me batia atrás das costas, então é que a vida começava. [...]. E aquele pedaço de Minas parecia um recanto do paraíso* (TORGA, 1969, pp. 136-137, grifo nosso).

Fica claro que essa é outra demarcação territorial, ou seja, dentro das cercas da fazenda ou da casa dos tios os acontecimentos do exílio ganhavam um aprisionamento. Fora desse espaço, era possível imaginar, era onde a vida realmente tinha um recomeço. Assim como estudamos sobre a posição do exilado que tenta reorganizar sua vida para que possa buscar um pertencimento, na narrativa de Torga encontramos essa mesma acomodação quando ele narra as pessoas e os lugares que davam a imagem de calma e deslumbramento do seu Brasil. Enquanto a fazenda é um cenário de “cativeiro”, como o próprio autor nomeia (TORGA, 1969, p. 221), os arredores dela era o ambiente de liberdade.

Além das cercas da fazenda, quando encontramos na narrativa o relato dos dias escolares, outro tom de pertencimento entra em cena. As angústias, os medos e as obrigações do campo cedem lugar para as amizades, os amores de adolescência e a paixão pelos livros e versos. Parece que outro Brasil é descoberto. Apresenta-se, então, uma outra característica comum ao desterro, um olhar diferenciado e aceitável da terra estrangeira. Essa nova acomodação no exílio, em Torga, é construída a partir do contato com o *outro*, totalmente diferente daqueles que povovam o ambiente familiar.

Lembramos que, para o exilado, o contato com o sujeito nativo daquela terra é o que gera oportunidades para conhecer, aceitar e (re)organizar a vida a partir da nova condição. Então, resgatamos que, nas memórias torguianas, esse novo encontro é apresentado timidamente quando o narrador relata os primeiros dias de trabalho na fazenda, nas figuras do negro Juvenal, que foi seu mestre; do moleque Virgolino, que o ajudava nas lidas diárias; e na senhora Joana, sua “sombra protetora” (TORGA, 1969, pp. 127-132). Mesmo tendo papel importante para os dias de exilado, na narrativa, percebe-se a relevância dessa relação, mas eles apenas o apresentam às obrigações do desterro, não são personagens dispostos a modificar essa nova configuração. Embora sejam importantes, esses diferem daqueles que povoam o universo escolar, que o inserem em um território mais aceitável:

Um filho de italiano, Jorge, era um dos meus discípulos. Reprovara duas vezes e atrasara-se. Com a minha idade – dezasseis anos –, fazia uma vida de homem. [...]. Faziam também parte da turma os dois Celsos, que ficaram logo meus amigos, irmãos da Maria Manuela [...], o Quim Junqueira [...], e três raparigas: a Lia, a Rute e a Guajajara. [...]. A Lia foi a minha primeira grande paixão (TORGA, 1969, p. 173-174).

Ao lado destes, é possível criar um vínculo, visto que eles não possuem relação com tudo aquilo que recorda sua condição de exilado. Além disso, eles povoam outro cenário, que não é mais a fazenda, onde é possível levar uma vida realmente de adolescente. A partir disso, outra instância dessa narrativa é apresentada ao leitor, uma mais cultural e social, onde encontramos outra relação de Torga com o país.

Uma nova imersão cultural, sem esquecer as suas tradições, é evidente nesse momento do texto. O autor apresenta essa associação em suas páginas memorialísticas a partir do relato das lições de História, sobre a “Conspiração

Mineira e o Tiradentes” (TORGA, 1969, p. 106), e, principalmente, sobre literatura. Dentre essas, a que mais nos chama atenção é a “lição de português”, onde era possível fazer versos:

[...] em geografia, ninguém me levava a palma; e, em matéria de português, eu até já fazia versos...
 Imitava a *Juriti* de Casimiro de Abreu, que vinha na página 353 da Antologia Eugénio Werneck. [...].
 Em Agarez é claro que não suspirava juriti nenhuma, mas suspiravam outro pássaro qualquer... Queriam que deixasse publicar esses versos, que o Jorge mostrou a toda gente, na *Voz do Ribeirão*. Eu é que não deixei, porque sabia muito bem que aquilo era o Casimiro de Abreu mal copiado... (TORGA, 1969, pp. 181-182).

No segundo dia d’A *Criação do Mundo*, o escritor apresenta seu elo com a produção brasileira de Casimiro de Abreu, Silva Jardim, José do Patrocínio e, futuramente, no terceiro dia de sua coletânea de memórias, Machado de Assis. O universo escolar, entre as lições e os amigos, é responsável, então, por uma nova imersão cultural do Brasil. Além da literatura, cabe destacar, também, que dentro desse mesmo período outros contatos culturais aparecem no texto, como o cinema. O escritor apresenta diversas vezes a ida ao pequeno *cineclube* da cidade com os amigos, os mesmos da escola. Além disso, no livro, ele nomeia os filmes, bem como os atores que deles participaram. É interessante observar que quando o autor revisita o cenário da escola e o recorda em seu *Diário VII*, ele diz que lá foi onde “o mundo da cultura me abriu o primeiro postigo” (TORGA, 2010, p. 244).

Essa pequena janela, para o exilado, significa um encontro com um lugar menos movediço, mais sólido para pisar. Não é um terreno totalmente pertencente a si, antropológico, mas, sim, construtor, ou como apontamos no capítulo anterior, uma cultura que atua como formação. No relato torguiano, que, mesmo em um cenário longe da fazenda, ainda se encontrava em uma situação de desenraizamento, visto que estava distante de toda sua filiação natal, essa posição demonstra ser a oportunidade de conhecer realmente a terra estrangeira. Em outra perspectiva de leitura desse momento da obra, podemos pensar que a ida para a escola simboliza também uma aproximação com sua vida antes do exílio, uma vez que um dos motivos de seu embarque foi, justamente, a impossibilidade de continuar a pagar os estudos. Aquilo que tinha sido retirado em Portugal, foi reestabelecido no Brasil, com uma visão mais plural, pois era a oportunidade de ter conhecimento não mais apenas de uma cultura.

Partindo para o final da narrativa, mesmo distante daquilo que era considerado o seu cativo, a memória insiste em recordar que ainda se vive no desterro, longe do seu primeiro lar. Da mesma forma que os *outros* inserem esse narrador-personagem em outra dimensão do exílio mais positivo, o desaparecimento deles retoma a real sensação de se estar no Brasil. Nesse momento do texto, até a escola, que antes era um local de fuga, com o afastamento de todos aqueles que faziam o local ter sentido, também ganha ares de cativo, ou melhor, de ilusão.

O mundo parecia-me agora menos natural e mais sombrio. Em Portugal, a minha vida tinha sido uma contínua despedida das pessoas e das coisas que ia amando. Depois, na fazenda, fora-me de todo impossível conseguir a intimidade de alguém. No Ginásio, a Lia enchera minha alma com claridade, mas passava como um cometa. A seguir, veio a Dina. Infelizmente, ao lado das muitas virtudes que possuía, faltavam-lhe encantos de que eu também precisava. Ficara o Jorge. E o Jorge, afinal, era um reles gatuno. E Ribeirão começou a parecer-me tão vazia e tão impossível como o terreiro da Morro Velho (TORGA, 1969, pp. 207-208).

É importante destacar que o momento da partida é, justamente, o instante da observação do exílio, o tempo propício para colocar na balança da experiência o que se pode levar da vida até ali. Além disso, quando os fios condutores que construíram uma pequena parcela de pertencimento rompem, quebra até as mínimas motivações que ainda o segura no desenraizamento. Nesse momento, a “família” também recebe sua sentença, e o narrador estabelece em qual local da memória cada um ocuparia um lugar.

Salvo a meu tio, a nenhum criara afecto verdadeiro. Estavam plantados em falso. Enquanto durou o cativo da fazenda, nunca houve entre nós nada que se pudesse confundir com amizade; contudo, que remédio considerá-los como parentes! Depois, no Ginásio, também senti a necessidade de manter viva socialmente a palavra família (a família da Morro Velho), e mantive-a. Mas agora, olhava-os como estranhos, vagamente encontrados na escuridão duma outra vida (TORGA, 1969, p. 221).

A cena que finaliza o livro continua e traz um ar melancólico, mas, ao mesmo tempo, libertador. O narrador despede-se do país que lhe fez refém sem algemas, no seguinte trecho: “tinha fome de ser como aquele rio, que de novo corria ao lado, livre, forte e caudaloso” (TORGA, 1969, p. 224).

Em *A Criação do Mundo*: os dois primeiros dias, encontramos uma narrativa de memórias que tem a finalidade de organizar as lembranças de uma experiência de exílio e apresentá-las ao seu leitor. Esse texto de Torga segue as características próprias do gênero: uma vida narrada levando em consideração o

contexto no qual o sujeito esteve envolvido, e não só um relato prioritariamente judicativo sobre si. Ou seja, o *eu* dessa narrativa demonstra estar mais em contato com os acontecimentos que povoam a experiência narrada, do que consigo. Por essas razões, Clara Rocha (1977, p. 102) afirma que: “as memórias constituem uma das formas autobiográficas que melhor revelam o *eu* na sua condição de entidade singular e, contudo, de ser histórico e social”.

O fato de Torga apresentar nessa narrativa alguns sentimentos, como angústia, medo e aflição, não anula esse pensamento de ser esse texto uma reunião de temas que congregam o social e o íntimo. Quando, no relato, encontramos trechos que refletem sobre as motivações de sua emigração para o Brasil, o cenário em que esteve envolvido durante seu desterro, as pessoas que povoaram esse momento da vida e as novas descobertas culturais, ficamos cientes de que ali não se encontra apenas um caminho ontológico, mas também histórico.

Essa ação é gerada a partir de um dos mecanismos fundamentais do texto autobiográfico: o narcisismo e a alteridade. Isto é, ao mesmo tempo em que se olha no espelho para admirar sua história, o memorialista torna-se um *outro*. É como se esse *eu* que está escrevendo suas lembranças procurasse nos reflexos especular da vida aquele outro sujeito que viveu essas experiências. A partir disso, para que os momentos da vida e o sujeito que os viveu ganhem um corpo textual, antes, é preciso fazer uma análise de si, observar as ações as quais deseja resgatar das caixas da memória, para só, então, traça-las no papel. Tem-se, assim, uma distância temporal para que todo esse percurso de si do passado para si no presente seja concluído. Sobre isso, Clara Rocha (1977, pp. 75-76) diz que “ao reconhecer sua imagem no espelho, o escritor autobiográfico consciencializa, através da linguagem, a realidade de ser *eu* e a singularidade da sua existência”.

O narrador está a todo instante tentando convencer o seu leitor que essa história de vida precisa ser admirada, não só por trazer uma perspectiva íntima daquele que escreve, mas também por apresentar as razões pelas quais ele escreveu. N’A *Criação do Mundo*, principalmente no segundo dia, o autor coloca-se sempre em um lugar para ser admirado por seu sofrimento, ou melhor, o personagem mais vitimado do relato. Ele está a todo instante afagando as feridas do seu exílio, como também apresentando a tia como a megera indomável. Essa posição que ele ocupa na narrativa não anula a singularidade dessa experiência para a vida do escritor, só atestam que esse momento foi marcado pelas

circunstâncias próprias do desterro, as quais necessitaram da escrita para que outras pessoas pudessem descortinar as armadilhas do exílio. Isso fica claro quando, mais adiante, os outros relatos que retomam as lembranças dessa experiência afirmam a particularidade dela na vida do escritor.

Ainda sobre as características que constituem o espaço autobiográfico dessa narrativa, é importante atestar a identidade entre autor-narrador-personagem. Como vimos no capítulo anterior, Miguel Torga, na primeira edição de *A Criação do Mundo*: os dois primeiros dias, em 1937, nomeou o personagem principal, colocando, assim, esse relato como um romance autobiográfico. Porém, na edição reeditada de 1969, a mesma utilizada em nosso estudo, esse mesmo personagem não é nomeado, agora só figura como um narrador-personagem. Em repetidas vezes, o autor utiliza o pronome “eu” dentro da obra – “o sujeito era eu” (TORGA, 1969, p. 142) –, como também os verbos sempre na primeira pessoa do singular, que asseguram um pacto entre autor-narrador-personagem.

Entretanto, não há na capa nem em textos de apresentação, na edição de 1969, indícios que atestam o gênero desse texto ser “autobiografia”, “memórias”, “romance autobiográfico”. Portanto, de acordo com a proposta de Lejeune, essa narrativa não constitui um pacto autobiográfico. Em nossa leitura, esse texto está mais relacionado às características do pacto zero, pois apresentam a relação identitária entre autor-narrador-personagem sem nenhuma declaração específica. Ou seja, quando encontramos o nome do autor na capa do livro, como é o caso de *A Criação do Mundo*, e no corpo do texto uma narrativa toda em primeira pessoa, logo pensamos que quem escreve, narra e “atua” seja, sim, o mesmo sujeito.

No caso de Torga essa investigação é bem singular, pois seu leitor pode se valer de outros textos, principalmente os autobiográficos, para atestar essa identidade e confirmar os fatos que são apresentados na narrativa. É por isso, também, que é importante demarcar o espaço autobiográfico em que essa bioescrita é construída. A partir dessas reflexões, seguimos adiante analisando as imagens das recordações do exílio de Miguel Torga e como elas se apresentam dentro da literatura autobiográfica.

4.2 Cais de saudade: o retorno ao Brasil

Mais de quarenta anos depois, um retorno ao Brasil faz surgir novamente essa existência e relança o narrador numa viagem a outra metade de si. A nova

experiência é acompanhada de perto pela escrita do diário. O registro é, em princípio, pontual: começa em 27 de julho e vai até 01 de setembro, contabilizando os dias a bordo do navio. Agora, a maré do tempo redesenha o cais de angústia. Se na cena final do livro anterior, o jovem deixa feliz seu cativo, mesmo que em tons melancólicos e analíticos, o narrador do diário distancia-se do revide da adolescência e coloca-se num outro lugar, como aquele que perdeu um país.

A impressão agora apresentada destoa consideravelmente dos tons da narrativa de *A Criação do Mundo*. Enquanto no livro de memórias temos um relato de uma experiência a partir de um narrador sentencioso com sua vivência e com aqueles que foram responsáveis por ela; no diário, encontramos um momento de recordação desse período, relatado por um sujeito mais disposto a abrir suas intimidades frente aos acontecimentos e aos reencontros. Além disso, nesse último temos também um narrador mais observador. Enquanto no primeiro relato essa observação da vida acontece somente nas últimas páginas, como um balanço final de tudo o que aconteceu; nas notas do diário a posição atenta a tudo aparece desde o início, na chegada ao Brasil.

Guanabara, 6 de Agosto de 1954 – Nem sei o que sinto. Recordo no cais, criança, a tactear confuso a penumbra do passado, e vejo-me adulto, aqui, no convés do barco, a receber em cheio o sol do presente. À brumosa confusão infantil corresponde agora uma clara serenidade que avalia, distingue, aplaude ou reprova. [...]. Mudei. Mudei por fora e por dentro, e à medida que me aproximo do pequenito que espera por mim, descubro que o navio e o deixa encostar-se à terra, se alarga cada vez mais entre nós. E semelhante estorvo, que também analiso, transforma impulsos sentimentais em congeminções abstractas. Como poderei juntar as duas metades da minha vida? (TORGA, 2010, pp. 237-238, grifo do autor).

Nas páginas do diário, quando essas metades – passado e presente, infância e velhice – se encontram, o Brasil começa a ser redesenhado de outra forma. Diante de um cenário modificado pelo tempo e ação do homem, o olhar sobre esse lugar deseja uma atualização da vida. Encontramos, então, um sujeito que ora ele está firme diante de um acontecimento do presente, ora ele desestabiliza-se perante as recordações do passado. Porém, é necessária uma estabilidade emocional frente às recordações da meninice que até a própria maturidade não permite.

O relato diarístico de Torga sobre o Brasil divide-se em duas partes. A primeira, mais voltada a uma crítica social, colocando Portugal também como um

paralelo. As circunstâncias do retorno à terra do seu desterro justificam essa primeira apresentação. Além disso, a maturidade de quem escreve também é responsável por essa nova visão, que contempla temas como: desenvolvimento, política e morte. Por outro lado, a segunda parte guarda o reencontro com o passado, em linhas mais sentimentais e menos analíticas, que, para o autor, é uma “impressão instável de estar e não estar a pisar a realidade” (TORGA, 2010, p. 242). Nesse momento, os acontecimentos são únicos, sua força se mantém no impacto que provocam e será para esse abalo desestabilizador a que Torga vai voltar. Por isso, em muitos momentos, já antecipando a perturbação das recordações, o que ele mais deseja é “ver se enterro o passado, se descubro o presente e se vislumbro o futuro” (TORGA, 2010, p. 238).

Os primeiros lugares visitados no Brasil, que atestam a firmeza do reencontro com o país, revelam uma proximidade pouco familiar com o passado do diarista, são eles: São Paulo, Belo Horizonte, Congonhas do Campo, Ouro Preto e Rio de Janeiro (em partes, pois esta última congrega a primeira imagem do desembarque no desterro). A lembrança do exílio só começa totalmente a ser desenhada com outras cores e cenas atualizadas, a partir do reencontro com a geografia física e sentimental, em uma nota do dia 23 de agosto, em Banco Verde, município de Minas Gerais. A viagem que, até então, apresentava um sujeito “maravilhado” e “deslumbrado”, cede lugar a outro narrador, mais observador, abalado e longe da serenidade: “É difícil visitar em pura neutralidade de observador um país, um lugar, um simples estabelecimento que fazem parte da nossa história pregressa” (TORGA, 2010, p. 244).

O sujeito observador que no primeiro relato, só aparece no fim da narrativa, como uma forma de analisar sua experiência, no *Diário*, está presente em todas as passagens dos dias sobre o Brasil. As próprias características desse gênero textual podem impedir uma maior reflexão ou uma visão mais analítica de um fato, o que deixa seu autor mais propenso a uma escrita menos rígida e detalhada da experiência e mais ligada aos sentimentos. Atento a tudo, o autor diz que: “Pareço um microfilme a captar imagens que não sei como conseguem caber na minha retina humana. Mas cá vão atravessando os buracos dos olhos, e lá vão se arrumando no negativo” (TORGA, 2010, pp. 241-242).

Mesmo sendo observador de tudo, o diarista não se mostra envolvido com todas as paisagens. Em umas, só demonstra uma ligação ampla e social para

que se possa fazer um paralelo com o que conhece sobre Portugal; em outras, o cenário é mais íntimo, e diz muito mais de si que da própria geografia. Se pensarmos ainda segundo a perspectiva da Geografia Humanista, podemos entender os primeiros locais da narrativa por meio do conceito de *espaço*, categoria que diz de uma disposição que apela para o amplo, ainda abstrato, que permite movimento e direção (TUAN, 1984, p. 153). Quando Torga se encontra na proximidade da fazenda do tio, o *espaço* cede à categoria de *lugar*, que congrega em si uma dimensão de proximidade, de caráter íntimo, e, por isso, “é uma pausa no movimento” (TUAN, 1984, p. 153). A pausa seria o momento de encontro com a lembrança do ocorrido, quando as recordações, atravessadas pela sensação, sacodem o sujeito e o colocam frente à realidade construída pela experiência. Na concepção de Tuan (1983, p. 153), “a pausa permite que uma localidade se torne um centro de reconhecido valor”.

À vista desse pensamento, encontramos no relato de Torga uma pausa que permite ao sujeito observador analisar o lugar em vias do que ficou para trás. O lugar continua sendo o cenário do desterro, mas aquele que o encara não é mais o menino angustiado, mas, sim, o homem maduro com “a alma disposta a actualizar a vida” (TORGA, 2010, p. 238). Porém, a força inibidora do passado, presente nos lugares e nas pessoas revisitadas, desperta sentimentos que prejudicam uma avaliação serena da experiência de meninice.

Há forças inibitórias de natureza afectiva que me não deixam erguer sequer a ponta do véu da verdade. Olho as pessoas e a paisagem com o alvoroço sentimental dum reencontro longamente apetecido. E, ao fim de cada abalo, em vez duma reação clarificada, tenho um nó na garganta (TORGA, 2010, p. 244).

O confronto entre a dor da experiência e a paisagem provoca esse encontro entre o passado e o presente, tornando-se impossível não visitar as lembranças que estão presas naquele cenário, no qual o próprio Torga (2010, p. 244) diz que era “o chão da fazenda que há trinta anos ensopei de lágrimas”. Seleccionamos outro trecho em que o autor relata o encontro com sentimentos, lugares e pessoas que povoaram seu exílio.

A princípio ainda cuidei que venceria essas fraquezas da emoção. Qual o quê! À medida que o tempo foi decorrendo, a energia crítica foi diminuindo. E hoje, justamente, creio que chegou a zero. [...]. Bem desejava eu manter-me sereno, passar da fachada monumental ao espírito da escola, ou da imagem traumatizada dos morros à sua autêntica fisionomia geográfica.

Nada! As colunas do casarão impuseram-se-me terríficas como outrora, e o sapé das pastagens pica-me novamente os pés da infância. [...]. O abraço comovido que acabo de dar a um preto que me reconheceu, a ternura com que afaguei a casca insensível e desmemoriada de árvores gigantescas que plantei meninas, e o grande encontro que me espera ainda com pessoas a quem me ligam afectos e desilusões, são terremotos interiores sem registro possível. Ou, pelo menos, perturbações da alma tão profundas, que polarizam a luz que deveria iluminar a paisagem circundante (TORGA, 2010, pp. 244- 245).

A fratura geográfica do exílio encontra-se atualizada justamente nessa nova explosão de sentimentos que o reencontro revela, por isso, as palavras faltam para descrever novamente todo aquele cenário de cativo. A experiência radical da infância de Torga, no interior de Minas Gerais, retomada no tempo presente, na presença concreta e na escrita, impede o sonho inicial do diarista de juntar as duas metades. Entre elas, um silêncio elabora uma linha que não pode ser cortada. O que provoca esse impedimento é justamente a presença do narrador no lugar da experiência. Essa ambientação o faz fraquejar, pois revive a experiência, que por sua vez o emudece. O eu, penoso de si, volta ao lugar habitual e sentencia: “Que me perdoe o Brasil. Foi por ter lhe dado o melhor de mim na infância que agora o não posso olhar com adulta serenidade” (TORGA, 2010, p. 245).

Em outra perspectiva, quando essa mesma viagem é escrita no sexto dia de *A Criação do Mundo*, encontramos um memorialista mais disposto a relatar a experiência do reencontro. É o que acontece na cena em que Torga narra o momento da visita a fazenda e, conseqüentemente, ao tio. No *Diário*, a descrição sobre o familiar não aparece, somente encontramos os “terremotos interiores” e as “perturbações na alma”, como ele bem descreveu no trecho acima. Já nas memórias, ele nos diz que

Meu tio, ainda rijo, apesar dos oitenta [anos], não ficou surpreendido quando lhe apareci. Confessou mesmo que me esperava. Soubera pelos jornais da minha chegada ao Brasil. Mas não dera nenhum passo. Eu é que tinha a obrigação de o procurar. Concordei, a rir-me por dentro. A idade não lhe modificara o carácter. [...]. Ele, decerto, a ver em mim, em lugar do rapazinho desarmado que conhecera, o médico e o escritor; eu paralisado por mil inibições. Que lhe poderia dizer? [...]. Que nunca pudera apagar na alma certas pisaduras provocadas pelo seu autoritarismo, mas que ele tinha tornado possíveis muitas resistências futuras? (TORGA, 1996, pp. 599-600).

O relato do sexto dia de *A Criação do Mundo* segue as mesmas regras textuais do segundo dia. Encontramos um narrador rijo, sentencioso, analítico, que exige uma distância temporal entre viver-esquecer-lembrar para, então, narrar. Além disso, a distância territorial e temporal, visto que o livro foi publicado em 1981, em

Portugal, o que o distancia de quase trinta anos do seu reencontro com o Brasil, propicia um afastamento dos sentimentos que envolveram essa nova experiência, bem como apresenta uma mistura entre fato e percepções do acontecido. Nota-se, assim, que há uma diferença entre o memorialista do diário e das memórias, um que está mais próximo das cenas do passado e, por isso, as apresenta com um certo embaraço sentimental e geográfico; no outro, que tem essas cenas apenas nas lembranças e, até mesmo, na imaginação, o relato é mais pontual, específico e analítico sobre os abalos que o reencontro provocou.

Mais adiante, a cena final da viagem, o retorno para Portugal, narrada no *Diário*, revela que as imagens das recordações do exílio ainda estão presentes, quando o autor recorda que, “Como que de propósito, o navio largou no cair da tarde” (TORGA, 2010, p. 245), fazendo referência a sua primeira partida do país ainda em sua adolescência: “Foi à tardinha que a âncora saiu do lodo do cais e rolou pelo casco acima. Devagar, a proa do barco começou a mover-se e o Brasil dos meus sofrimentos a distanciar-se” (TORGA, 1996, p. 165). Mesmo parecidas, a cena melancólica de despedida do desterro, apresentada nas memórias, transforma-se em uma vida atualizada, quando se faz as contas com o passado. No *Diário*, ele recorda que:

Ter perdido o Brasil, sabê-lo cada vez mais distante no mapa inexorável do mar, e de repente volta-lo a vê-lo sólido e concreto diante de mim, foi como se um moribundo recebesse, das mãos de um destino que reconsiderasse, mais um dia de vida. Um dia único, barroco, exótico, colorido, velho e novo ao mesmo tempo. Uma tela com vinte e quatro horas de largura, pintada numa hora feliz pelo Criador – ou seria Portinari? – com tintas europeias amassadas no azeite de dendê (TORGA, 2010, p. 246).

No sexto dia d’*A Criação do Mundo*, a mesma cena também é narrada em uma explosão de cores, mas com um tom de dever cumprido na vida.

Liquidara as contas com o passado, visitara lugares de saudade, conhecera novos panoramas e figuras notáveis, dissera minha justiça a gregos e troianos, vira um grande país em ebulição, pudera avaliar na justa medida a força transfiguradora dum gesto humano. Demorar mais seria tornar habitual o singular, desbotado o colorido. A imagem estática do Brasil dramático e nocturno dos tempos idos fora substituídas pela de uma grande nação dinâmica e solar. [...]. A viagem tinha-me feito bem. Aliviara-me a alma de muitos pesadelos recalcados. O Brasil mítico, ao mesmo tempo irreal e traumatizante, estava definitivamente transformado numa desmedida terra concreta que pisara com os pés seguros e dignificados (TORGA, 1996, pp. 602-603).

Em nossa leitura, esse último relato do sexto dia das memórias possui uma simbologia. O Brasil narrado nos primeiros dias da *Criação do Mundo* como um cenário de angústia, dramático e melancólico, recebe um novo olhar, mais feliz e colorido, nas “últimas horas” do sexto dia dessa mesma criação, permitindo ao narrador, feito um Deus que cria o mundo a sua medida, mas longe de dominar o que nele acontece, descansar no seu sétimo dia.

As contas com o passado foram sanadas, e suas lembranças finalmente podem assumir um lugar tranquilo na vida. Entretanto, no *Diário*, o fim da viagem revela um eu fragmentado, lacunar, impreciso, sofrido. A incompletude explode, trazendo para a página a expressão apenas sugestionada de uma experiência de fratura: “A viagem está no fim, e por mais que tente não consigo concretizá-la no meu espírito. Parece-me que morri durante este mês, e ressuscito agora, apenas com a entorpecida memória de uma ausência” (TORGA, 2010, p. 248).

O *Diário VII* nos revela uma outra imagem do Brasil e do exílio de Miguel Torga. O diarista escreve o presente e os balanços emocionais que ele reserva, por isso, seu leitor está mais próximo dos sentimentos que povoam a escrita deste. Enquanto nas memórias, o ato de rememorar está totalmente ligado ao ato de escrever, e, por isso, é necessário revisitar as lembranças para, então, traçá-las no papel; nos diários, a lembrança aparece como um movimento natural do homem diante das imagens do seu passado, a escrita somente aparece como uma forma de “guardar” essas recordações.

O diário de Miguel Torga é bem particular, principalmente suas notas sobre o Brasil. Em todas as dezesseis publicações diarísticas, o português apresenta um gênero híbrido, que não congrega apenas narrativas pontuais dos dias, mas, sim, seus poemas, que, por vezes, possuem uma relação com aquilo que ele escreveu nos dias. Quando faz anotações sobre sua segunda viagem brasileira, esse texto torna-se mais particular ainda, porque apresenta, também, memórias do passado. Com isso, ficamos diante de outro Torga, bem como das feridas e dos abalos sentimentais que o exílio deixou como marcas.

Esta parece, então, uma outra imagem do exílio, menos física e mais sentimental. Enquanto a primeira narrativa exigiu um distanciamento temporal e territorial para ser escrita; essa só precisou de um reencontro para reaver as lembranças e os sentimentos que a experiência foram capazes de deixar. Isso fica claro com as descrições de antes, durante e depois dessa viagem. Antes de viajar, o

diarista diz sentir-se “mais aflito do que da outra vez” (TORGA, 2010, p. 234); durante, “a vida actual, encaixilhada na antiga moldura, baralha o tempo” (TORGA, 2010, p. 243); e, em seu retorno a Portugal, “só o pensamento pode refazer a realidade” (TORGA, 2010, p. 245). Assim, nesse relato, o que parecia ser mais uma visão atualizada do cenário do exílio, é, na verdade, uma atualização do sujeito que viveu esse desterro.

Ou seja, no *Diário*, quando Torga aproxima-se da fazenda e do prédio da antiga escola, em nenhum momento, ele descreve a imagem atualizada daquilo que vê, somente narra as suas sensações de estar ali e o impacto que aquela paisagem teve em sua vida. Diferente do que acontece no sexto dia de *A Criação do Mundo*. Nesse relato, quando o narrador descreve seu local de exílio, dedica-se a atualizar o cenário marcado pelo tempo. Para ele, agora, tudo é “uma tela nova numa moldura antiga. Aqui e além ainda se reconhecia um pormenor da pintura original” (TORGA, 1996, pp. 598-599).

O que parece, então, destoar nas características da escrita de si, principalmente no diário, é uma singularidade da constituição do espaço autobiográfico do exílio de Miguel Torga. Esses três relatos – *A Criação do Mundo: os dois primeiros dias*, *Diário VII* e *A Criação do Mundo: sexto dia* –, constroem um tecido literário singular sobre o desterro, que revelam não só contextos geográficos que caracterizam essa condição, mas também o sujeito desenraizado em sua constituição mais íntima. Por isso, se colocarmos essas obras lado a lado, com a finalidade de fazer um mapa literário brasileiro de Miguel Torga, encontraremos um território fecundo de temas sobre o exílio e a aproximação desse português com o Brasil. Porém, ainda há muitas outras terras dessa cartografia que precisam ser descobertas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde 2015, estamos a navegar na companhia de Miguel Torga. A viagem entre as margens do Atlântico, que ligam, pela Literatura e por nossa pesquisa, Brasil e Portugal, seguiu uma maré de incertezas, aprendizados e descobertas. Em princípio, ainda na Graduação, a primeira leitura das memórias de *A Criação do Mundo: os dois primeiros dias* revelou as dificuldades de encarar uma obra marcada pela dor da experiência do exílio. Como todo caminho leitor barthesiano, foi necessário, por vezes, “ler levantando a cabeça” para organizar “as ideias e excitações” que aquele texto proporcionara.

Mais tarde, quando a leitura amadurecera e outras produções de Miguel Torga já povoavam a estante, surgiu a vontade de pensar cientificamente a relação deste escritor português com o Brasil. Então, a Pós-Graduação mostrou-se o local propício para desenvolver esses pensamentos. No mestrado, a ideia inicial era formular uma identidade brasileira do autor, a partir de seus relatos autobiográficos. Porém, após diversas leituras, conversas, orientações e compreensões que o próprio mundo acadêmico nos oferece, entendemos que era quase impossível dá um rótulo a um autor que nunca se limitou a uma face de si, a uma corrente literária, a um tipo textual.

Com isso, a pesquisa se reformulou. Encontramos um forte elo entre suas narrativas autobiográficas sobre o Brasil e características que constituem um exílio singular. Assim, nos dispomos a viajar pelo mar da saudade e aportar em um cais de angústia para traçar o percurso brasileiro de Miguel Torga. As imagens dos “assombros de menino”, como ele bem lembra nos versos do poema *Brasil*, transformam-se em literatura de vida, redesenhando, por meio da palavra, a realidade, a imaginação e as lembranças de seu exílio. Através de *A Criação do Mundo: os dois primeiros dias*, *Diário VII* e *A Criação do Mundo: sexto dia*, revisitamos a experiência do autor português, como também encontramos um espaço autobiográfico singular literário sobre o Brasil.

Em meios às nossas pesquisas, encontramos algumas dificuldades; uma delas foi a escassez de trabalhos que apresentem o Brasil como um tema na produção literária de Torga. Essa fenda em sua fortuna crítica, ao mesmo tempo em que gerou obstáculos, proporcionou a singularidade de nosso estudo para pesquisadores que queiram se debruçar sob essas mesmas páginas literárias. O

caminho tonou-se fecundo, também, pela possibilidade de ter contato leitor com autores que, até então, não tinham figurado em nossos estudos, como Edward Said e Todorov, que foram responsáveis por nos ajudar a delinear o exílio, bem como o sujeito que está imerso nessa situação. Por outro lado, pudemos reler e fundamentar novas ideias a partir do pensamento de Georges Gusdorf, Clara Rocha e Phelippe Lejeune, que trouxeram um arcabouço teórico acerca das características estilísticas dos textos em questão.

O desenvolvimento de reflexões a partir da leitura e análise das obras torguianas, e com apoio teórico desses e de outros pensadores, proporcionaram a possibilidade de apresentar o espaço autobiográfico brasileiro de Miguel Torga. Sua primeira obra que traz o Brasil como cenário, *A Criação do Mundo*: os dois primeiros dias, foi nosso ponto de partida para investigar esse território, pois ela apresenta-nos uma narrativa singular sobre a experiência de exílio vivida pelo autor, bem como temas particulares que congregam esse tecido literário, são eles: emigração, viagem, infância, família, cultura, dentre outros. A importância desse relato também se dá pelo caminho memorialístico que o autor utiliza para narrar sua vivência, que reúne tempo, reflexão sobre si, lembranças e imaginação.

Já no *Diário VII*, esse mesmo espaço autobiográfico recebe outra face da experiência do desterro, na qual apresenta o relato de um homem mais próximo dos sentimentos provocados pelo reencontro entre a dor das lembranças do passado com o cenário que guardou essas recordações. Enquanto em *A Criação do Mundo*: sexto dia, que narra o mesmo período das notas diarísticas, apresenta um narrador mais rígido consigo e com as memórias que esse reencontro revela. Porém, somente a distância temporal entre viver-lembrar-narrar, própria das memórias, é capaz de revelar certas instabilidades que os encontros pessoais fizeram surgir no retorno ao Brasil. Nestes dois últimos relatos, outros temas são acrescentados a esse território da memória, são eles velhice, reflexão social, lembranças, dentre outros.

De porte dessas reflexões e análises, pudemos, ao longo de quatro capítulos, reunir os traços vitais e literários que compreendem a formação desse espaço. Nesse caso, não há como desvincular vida literatura; primeiro porque quando se trabalha com escritas de si, involuntariamente, resgata-se os caminhos íntimos traçados por aquele que escreve páginas literárias memorialísticas; segundo que, no caso desta pesquisa, a análise da obra torguiana perpassa pela

compreensão de uma determinada experiência de sua vida. No mais, concluímos que os objetivos, bem como as problematizações deste trabalho, alcançaram um resultado positivo, pois apresentamos como se forma o espaço autobiográfico brasileiro de Torga, a partir de sua experiência de exílio.

Para finalizar, ressaltamos que, assim como toda pesquisa, esta também deixa margens para se pensar em estudos futuros que congreguem outros temas ricos às obras torquianas, como também a possibilidade de estender nosso campo investigativo para os textos ficcionais do autor. Além disso, destacamos a felicidade de poder compartilhar com outros pesquisadores os caminhos que ligam Miguel Torga ao Brasil, ou, como diz o próprio autor: o “cais do lado de lá do meu destino”.

REFERÊNCIAS

- A SAUDADE. **A Saudade**. v. 2, n.1. Rio de Janeiro, 1864. Disponível em: <http://www.docvirt.com/DocReader.net/DocReader.aspx?bib=RealGabObrasRaras>. Acesso em: 01 de set. de 2018.
- BLANCHOT, Maurice. O Diário íntimo e a narrativa. *In*: BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. 2ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- CASTRO, Ferreira de. **A Selva**. 15. ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1954.
- CASTRO, Ferreira de. A pequena história de A Selva (1955). *In*: SALEMA, Álvaro. **Ferreira de Castro: a sua vida, a sua personalidade, a sua obra**. Publicações Europa – América, 1974.
- CORREIO DA MANHÃ. **A Literatura marca encontro em São Paulo: 9 de Agosto**. Rio de Janeiro, 1954. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/089842_06/38565. Acesso em: 4 de fev. de 2018.
- CORREIO PAULISTANO. **Miguel Torga em São Paulo**. São Paulo, 1954. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/090972_10/22374. Acesso em: 3 de abr. de 2019.
- D'ALGE, Carlos. **A experiência futurista e a geração de "Orpheu"**. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1989.
- GAGO, Dora Maria Nunes. **Imagens do estrangeiro no Diário de Miguel Torga**. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.
- GUSDORF, Georges. **La Découverte de soi**. Paris: Les Presses universitaires de France, 1948.
- J.C. A literatura marca encontro em São Paulo: 9 de agosto. **Correio de Manhã**. Rio de Janeiro, 30 de julho de 1954, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/089842_06/39188. Acesso em: 20 de mar. de 2018.
- J.O.B. Encontro da inteligência mundial em São Paulo. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro, 22 de agosto de 1954, Suplemento Literário, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/093718_03/34654. Acesso em: 3 de abr. de 2018.
- LEÃO, Isabel Vaz Ponce de. **A obrigação, a devoção e a maceração: o diário de Miguel Torga**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.
- LEÃO, Isabel Vaz Ponce de. **O Essencial sobre Miguel Torga**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007.
- LEUJENE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Org. Jovita Maria Gerheim Noronha; trad: Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LINHARES FILHO. **O poético como humanização em Miguel Torga**. Fortaleza: Casa José de Alencar/UFC, 1997.

LOURENÇO, Eduardo. **A Nau de Ícaro seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia**. Lisboa: Gradiva, 2004.

LOURENÇO, Eduardo. **O Labirinto da saudade**: psicanálise mítica do destino português. Lisboa: Gradiva, 2009.

MACHADO, Álvaro Manuel; PAGEAUX, Daniel-Henri. **Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura**. Lisboa: Editorial Presença, 2001.

MATHIAS, Marcello Duarte. Miguel Torga, solitário e solidário. *In*: SOUSA, Carlos Mendes (org.). **Dar mundo ao coração**: estudos sobre Miguel Torga. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Texto Editores, 2009.

NEVES, Márcia Seabra. A revista *presença* e a consumação de um projeto de cosmopolitismo estético-literário. *In*: **Limite**. n.º 5, 2011, pp. 133-152.

PIZARRO, Ana. Viaje, exilio y escritura. *In*: PIZARRO, Ana. **El sur y los trópicos**: ensayos de cultura latino-americana. 2004. Disponível em: https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/6283/1/CuadernosASN_10.pdf. Acesso em: 10 de jul de 2018.

QUEIROZ, Maria José de. **Os males da ausência ou A literatura do exílio**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

RÉGIO, José. A Literatura Viva. **Revista Presença**. n. 1, p. 1. Coimbra, 1927. Disponível em: https://digitalis-dsp.uc.pt/bg4/UCBG-RP-1-5-s1_3/UCBG-RP-1-5-s1_3_master/UCBG-RP-1-5-s1/UCBG-RP-1-5-s1_item1/P1.html. Acesso em: 27 de mar. de 2019.

ROCHA, Clara Crabbé. **O espaço autobiográfico em Miguel Torga**. Coimbra: Livraria Almedina, 1977.

ROCHA, Clara Crabbé. **Miguel Torga – Fotobiografia**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000.

SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. *In*: SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Trad. Paulo Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SAID, Edward. Exílio intelectual: expatriados e marginais. *In*: SAID, Edward. **Representações do intelectual**: as conferências de Reith de 1993. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SEIXAS, Cid. Os Sonhos do Sujeito e sua Construção Social. *In*: TORGA, Miguel. **Contos da Montanha**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

SILVA, Alberto da Costa e. O Mundo começava em Trás-os Montes. *In*: TORGA, Miguel. **A Criação do Mundo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

TODOROV, Tzvetan. Voltar. *In*: TODOROV, Tzvetan. **O homem desenraizado**. Trad. Christina Cabo. Rio de Janeiro: Record, 1999.

TORGA, Miguel. **A Criação do Mundo I**. 4ª ed. Coimbra: Coimbra Editora, 1969.

TORGA, Miguel. **A Criação do Mundo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

TORGA, Miguel. **Contos da Montanha**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

TORGA, Miguel. **Diário IX**. Coimbra: Coimbra Editora, 1964.

TORGA, Miguel. **Diários**: vols. V a VIII. Alfragide: Dom Quixote, 2010.

TORGA, Miguel. **Traço de união**: temas portugueses e brasileiros. Coimbra: Coimbra Editora, 1955.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

WEIL, Simone. **L'enracinement**. Paris: Les Éditions Gallimard, 1949.

WOOD, James. Desabrigo Secular. *In*: WOOD, James. **A coisa mais próxima da vida**. Trad. Célia Euvaldo. São Paulo: SESI-SP Editora, 2017.

ANEXO A – PASSAPORTE DE MIGUEL TORGA

aos treze anos

-4-

Idade 13 anos.

Altura 1^m.46

Cabelos castanhos

Sobrolhos abertos

Olhos verdes

Nariz regular

Boca aberta

Côr amarelado

Sinais particulares

*Mano pequena e dentes
na frente e dentes na
de trás e na boca e
quarta.*



-5-

1920 ADMINISTRATIVO *0\$80*

21 DE novembro

1920 ADMINISTRATIVO *0\$70*

21 DE novembro

1920 ADMINISTRATIVO *0\$05*

21 DE novembro

Inscrição consular 1919-1920 *0\$50*

DE novembro

Deve sair do país no prazo de até aos três dias
de 1 agosto de 1920. dias.

Abonado por desembarques legais.

Nome e residencia do agente de emigração, ou de
passagem e passaportes, que interceio na obtenção do
passaporte. Por e por de interesse
que e subscritor e directamente o
do governo civil.

Rogo às autoridades administrativas e a todas aquelas
a quem pertencer o seu conhecimento não ponham emba-
raço algum ao portador.

Dado em Valla Real
aos 21 de novembro de 1920

Estampilhas (taxa) 10000

Emolumentos... 3\$75

13\$75

O Chefe da Repartição,

[Signature]

Por delegação do Governador Civil,
[Signature]

Assinatura do portador,
[Signature]

Fonte: Rocha (2000, p. 41).

ANEXO D - CORREIO PAULISTANO (SP)

EDIÇÃO DE HOJE: 32 PAGINAS

CORREIO PAULISTANO

SÃO PAULO - SABADO, 14 DE AGOSTO DE 1954



Nos salões do Espianada, onde tem sede o Congresso de Escritores, Miguel Torga — o segundo, a partir da direita — e a esposa, em companhia dos congressistas Amoroso Neto e Israel Dias Novas.

Miguel Torga em São Paulo

Refratário a entrevistas e autografos o grande escritor português — Resumo de uma palestra, sem intenção jornalística, com o autor de "Cantico do Homem"

Participando do Congresso de Escritores, como integrante da delegação portuguesa, encontra-se entre nós o romancista e poeta Miguel Torga. O autor de "Cantico do Homem" veio ao Brasil em companhia de sua esposa, André Crabê Rocha, intelectual e crítica de origem belga, de grande prestígio nos círculos culturais de Portugal. Miguel Torga, dentre os congressistas, é figura das mais procuradas pelos intelectuais em geral de São Paulo. Onde quer que apareça cercam-no logo grupos de admiradores, interessados em conhecer de perto uma das mais autênticas e representativas personalidades literárias portuguesas do nosso tempo. O menos interessado nessa curiosidade é, contudo, o próprio escritor, que parece, mesmo, alheio às demonstrações de popularidade. Trata-se de cidadão de poucas palavras, sobre as expansões e inimigo das

PRONTO SOCORRO "CORACAO DE JESUS" CONSULTAS E SOCORROS DE URGENCIA NO HOSPITAL E A DOMICILIO REMOÇÕES 52-4545 Medicina e Cirurgia de Urgencia - Fraturas Banco de Sangue e Oxigenio HOSPITAL "CORACAO DE JESUS" Diretor: DR. JOSE FINOCCHIARO Docente-livre da Faculdade de Medicina Rua Monte Alegre, 570 - Perdizes

conversar sobre a própria obra, como sobre as suas tendências literárias, projetos e outros assuntos que a presença dos escritores em geral suscita. Recusa-se terminantemente a conceder autografos e para sempre marcado teimam em confundir com os recentes astros de Hollywood... MAS, O REPORTER A testemunha do reporter consagrou, porém, dobrar em parte as reticências do escritor. A primeira investida fôra mal orientada e obteve os resultados mercedórios: tentamos captar a simpatia de Torga com o competente volume das "Odes" para uma dedicatória... Tenho horror a isso. Tudo, menos isso de gabaritar o meu nome nos meus livros... O processo seguinte foi proveitoso: aludimos a Antonio Nobre.

Miguel Torga reside em Coimbra. Na velha cidade universitária, mantém consultório medico, especializado em otorrinolaringologia. Tendo presente o entusiasmo que o escritor demonstrava por São Paulo, indagamos a razão pela qual não transferia ele o seu consultório para a rua Marconi, interrompendo de vez a vida paulista... Torga faz um ar meditativo, como se a ideia já lhe tivesse ocorrido, e responde: — Não sei. Agora, vou ao Rio e a Minas. Volto em seguida a São Paulo. No regresso a Portugal pensarei no assunto... A dr. André, contudo, lembra o autor que o marido devota às cotas de Coimbra e da provincia portuguesa em geral. Aliás, esse sentimento expressa-se nas paginas dos seus livros, quase todas as greites como a vida nas montanhas que cercam Coimbra.

"CORREIO DA MANHA" AOS LEITORES

Os jornais do Distrito Federal vêm — de há muito — tendendo a arquivar e crescerem sacrodo do custo de sua elaboração e as majorações sucessivas de materia-prima e salarios, procurando evitar, por todos os meios, alteração do preço de venda. Agora, depois de três annos de manutenção das condições fixadas com base num barometro de há muito superado, ante nova onda de despesas dentre as quais a mala premente é o reclamado aumento de recorta da vendidreira de jornais, as empresas jornalísticas se viram compelidas a reexaminar, em conjunto, o problema do preço de venda avulsa. Os vespertinos até agora vendidos a um cruzeiro — depois de detalhado estudo de suas condições argentarias — não poderão ser vendidos a menos de dois cruzeiros, enquanto os matutinos, atendendo a suas condições especiais, passarão no momento, a um cruzeiro e cincoenta centavos. Os jornais atualmente vendidos em bases mais reduzidas aumentarão o preço de venda na mesma proporção dos outros. Ao adotarem tal decisão, as empresas jornalísticas reafirmam as circunstâncias existentes, como fenomeno de ordem geral, a que se não poderiam furtar sem profunda alteração da qualidade dos jornais e sem ruptura de compromisso com o seu pessoal. Não entramos certos de que a opinião publica comprehenderá os fundamentos da providencia, decorrente de causas constantes apontadas pelos jornais e sobre as quais continuaremos, em defesa do povo, e desenvolver o mais intenso debate. Assam, a partir do dia 15 para os matutinos e 16 para os vespertinos, vigorarão os seguintes preços: "Diario da Manhã", "O Globo", "Tribuna de Imprensa" e "Ultima Hora", Cr\$ 2,00; "Correio da Manhã", "Diario Critico", "A Noticia", "O Jornal", "Jornal do Comercio", "Jornal do Brasil", "Diario de Noticias" e "Jornal de Esportes", Cr\$ 1,50; "Vanguarda", "O Mundo", "O Radical", "O Dia", "Luta Democratica", "A Patria" e "Imprensa Popular", Cr\$ 1,00.

- Rio de Janeiro, 9 de agosto de 1954. José V. Fortinho — "Correio da manhã" Zélio Valverde — "Diario Carioca" A. Ferreira Serpa — "Jornal do Brasil" João Pereira Dantas — "Diario de Noticias" Emanoel Cardim — "Jornal do Comercio" Mario Rodrigues Filho — "Jornal dos Esportes" Carlos Estel — "O Jornal" e "Diario da Noite" Othon Paulino — "O Dia" Augusto Pereira Nunes — "O Radical" Mario Eugenio Silva Filho — "A Patria" Roberto Machado — "O Globo" J. F. Boayava Cunha — "Ultima Hora" Chagas Freitas — "A Noticia" Carlos Lasenda — "Tribuna da Imprensa" Geraldo Rocha — "O Mundo" João Neder — "Vanguarda" (De "Correio da Manhã", de ontem).

NOVA DIRETORIA DA FEDERAÇÃO DAS INDUSTRIAS

O sr. Antonio Deviate, dando cumprimento ao disposto no artigo 36 dos estatutos sociais da Federação das Industrias do Estado de São Paulo, comunicou ao delegado regional do Trabalho, o resultado das eleições para a escolha dos novos diretores da entidade, suplentes e representantes da federação na Confederação Nacional da Industria, realizada no dia 19 de junho p. passado. Foram apurados 54 votos para

Confederação das Famílias Cristãs Realiza-se no dia 22, as 11:30 horas, na sala desta entidade, a Alam, Campinas, 133, a eleição de uma parte do respectivo Conselho Estadual. Doação ao Museu Paulista O Museu Paulista recebeu a doação feita pelo general Eulíbio de Aguiar, consistindo de quatro volumes encadernados, com as coleções dos Serôfios Diários, Informações, Ordens de Operações e Proclamações divinas, reunidas no arquivo da 2.ª Divisão de Infantaria (2.ª D. I. C.), que passaram, sob o seu comando, durante a campanha constitucionalista de 1932 e denominada Senor do Vale do Paraíba. Conta ainda de referida doação o aspecto de aço que fôra oferecido, naquella época, ao general, pela Federação das Industrias Paulistas.

União da Mocidade Espirita de S. Paulo Realiza-se hoje, as 20:30 horas, na sede da Federação Espirita, a rua Marília, 184, uma reunião promovida pela União da Mocidade Espirita de São Paulo, falando o sr. Milton Bignardi. A parte artistica estará a cargo de d. Iroelina Nastro.



CASAMENTO NA JAULA

da Jaula dos leões ele e sua noiva dão favas uma placida e abste sentimento unconvicados, que não apparecem no (Foto United Press).

Sociedade de Beneficencia São Paulo

Realizam-se hoje, varias atividades comemorativas do 50.º aniversario da fundação do hospital da Sociedade de Beneficencia São Paulo, que integra a Casa Hospitalar S. S. Amarelôis e as Casas de São de Maternidade. At 9 horas será celebrada missa campal, as 10 horas, coquetel, discursos e visita ao hospital.

Convenção dos escriturarios da Fazenda

Realiza-se, no dia 15 do corrente, em Baurur, no edificio da Associação Commercial, as 9 horas, uma convenção dos escriturarios da Secretaria da Fazenda, a que deverão comparecer os representantes das 14 delegacias regionais existentes em todo o Estado. Deverá estar presente o deputado Amaral Lira, líder da Concentração Partidaria que apóla o governo na Assembléia Legislativa. Durante a reunião, será feita uma exposição sobre assuntos de interesse da classe, consistente de managem que o prof. Lucas Nogueira Garcez, governador do Estado, enviara à referida Assembléia, instituido o regime de quotas para os vencimentos dos escriturarios da Fazenda, na base de 150 quotas para a carreira inicial. O assunto em questão já está sendo estudado pela Assembléia Technica da Secretaria dos Negocios do Governo, a qual foi confiado, pelo chefe do executivo estadual, um memorial que, substanciando essa reivindicação, lhe fôra entregue pelos representantes da Delegacia Regional de Santos. A delegação dos escriturarios desta cidade será constituída pelos srs. Italo Mamberti, Armando Pereira e Fernando M. Sarabando.

Fonte: Hemeroteca Digital (2019).

ANEXO E – CORREIO DA MANHÃ (RJ)

CORREIO DA MANHÃ — Quinta-feira, 19 de Agosto de 1954

ESCRITORES E LIVROS



NOTAS SÔBRE O CONGRESSO

Miguel Torga limitou-se a apertar: — Propunha que todos nós artistas, peçamos demissão, enquanto é tempo...

CAÇADOR DE COBRAS

A propósito de Torga... Além de Faulkner, o escritor estrangeiro sobre o qual existiu, durante o Congresso, a mais viva curiosidade, foi o português Miguel Torga. Como se sabe, viveu ele no Brasil toda a infância e parte da mocidade. Em casa de Oswald de Andrade (que está muito doente), relembra Torga algumas cenas dos anos passados na zona da mata em Minas. Tendo chegado ao nosso país como imigrante, aqui exerceu as profissões mais humildes: foi tropeiro e trabalhador rural. Em certa época — disse — também foi a sua miséria, que se viu obrigado a caçar cobras, para o Instituto Butantã a fim de conseguir dinheiro para o próprio sustento.

Torga é médico. Houve, a propósito, uma cena pitoresca quando da apresentação de credenciais. A moçinha encarregada de preencher a ficha do escritor, perguntou-lhe:

— Sua profissão?

Torga:

— Poeta.

Mas logo acrescentou:

— Não, não. Os poetas andam muito por balcão. Escreva, apenas: médico.

BABEL DE ESCRITORES

Alinda o Congresso: O Hotel Esplanada transformou-se, naqueles dias, numa verdadeira babel de escritores. Linzatos de todo o Brasil (e muitos estrangeiros) vagavam pelos corredores e salões, numa mistura das mais heterogêneas — glórias internacionais se confundiam com modestas glórias da casa. Aos poucos, a literatura foi entulhando "hall" e corredores. Três ou quatro congressos se realizavam simultaneamente na capital paulista, estando as delegações, na sua quase totalidade, hospedadas no Esplanada. Filósofos, psiquiatras e escritores se esbarravam, assim, dentro dos elevadores, discutindo nos corredores e bares, numa terrível confusão de línguas. O povo, entretanto, não pareceu haver tomado conhecimento da presença, na cidade, de alguns dos maiores nomes da nossa literatura. Todavia, para os congressistas, aquelas presenças ilustres eram respeitadas. Os pequenos escritores, de fama doméstica, imisculam-se nos grupos de celebridades, procurando um contato mais íntimo, aproveitando aquela acessibilidade, numa esperança de que a aproximação os engrandecesse. E havia o pitoresco: alguém perguntava a Faulkner — que tórcia o rosto quando lhe falavam de literatura — que opinião tinha sobre Manuel Bandeira... Um segundo, poeta, chegou a traduzir para o inglês um poema de sua autoria, para mostrar ao escritor americano e receber, dele, a merecida consagração...

Enfadado, Faulkner respondia que era fazendeiro, não queria falar de literatura. O que ele queria, na verdade, era tomar o seu uísque em paz...

J. C.

cional da Falcão.

J. W... parme, H. ston, D. A. Stefa... ssieli, A. guizzo, P. Stanfield, J. Ara... li, B.P. Bhafo, K. E. O... M. Owa... in. Am... an Carcas... man, C. l. Gott... r Roger... Martina Nitroso, l. Pedro... l. Banca... per de era, Ma... Pequeira, io Piegas... ion, Car... ntesidêu... a Bolana... lita- Bo... a, Alfon... b. Fran... José Me... Croce, Roque... do. Bot... Gracila... Josef J... lig, Maria... r Linde... Pflaum, Frederico... le Millia... gina Di... Camou... ith, Ru... H. Piaz...

DOS B.H.C... ciaz... max... — H... G-5-1... Gr-5-1... dial... 21.00... trans... Conti... portis... tes d... rtele... autor... — Ba... ment... porta... R.P.:... Socos... Capô... ma e... — Be... Eldor... 18.45... — Cd... lo M... rado... — M... Globi... — H... term... nal... tes n... — M... no m... eab...